



Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas
Públicas

Departamento de Gestão de Políticas Públicas

LETÍCIA ZAMARION CAMPAGNOLI

**COLETIVA “RODA DAS MINAS” COMO EXPERIÊNCIA PÚBLICA:
uma avaliação axiológica das rodas de conversa feministas**

Brasília – DF

2021

LETÍCIA ZAMARION CAMPAGNOLI

**COLETIVA “RODA DAS MINAS” COMO EXPERIÊNCIA PÚBLICA:
uma avaliação axiológica das rodas de conversa feministas**

Monografia apresentada ao Departamento de Gestão de Políticas Públicas como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Gestão de Políticas Públicas.

Professora Orientadora: Dra. Janaina Lopes Pereira Peres

Brasília – DF

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pela autora

CC186c Campagnoli, Leticia Zamarion
Coletiva "Roda das Minas" como Experiência Pública: uma
avaliação axiológica das rodas de conversa feministas /
Leticia Zamarion Campagnoli; orientador Janaina Lopes
Pereira Peres. -- Brasília, 2021.
72 p.

Monografia (Graduação - Gestão de Políticas Públicas) --
Universidade de Brasília, 2021.

1. Política Pública. 2. Avaliação Axiológica. 3. Feminismo
Interseccional. 4. Roda das Minas. I. Peres, Janaina Lopes
Pereira, orient. II. Título.

LETÍCIA ZAMARION CAMPAGNOLI

**COLETIVA “RODA DAS MINAS” COMO EXPERIÊNCIA PÚBLICA:
uma avaliação axiológica das rodas de conversa feministas**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do
Curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília da aluna

Letícia Zamarion Campagnoli

Doutora, Janaina Lopes Pereira Peres

Professora-Orientadora

Doutora, Ana Paula Antunes Martins

Professora-Examinadora 1

Centro de Estudos Avançados
Multidisciplinares – CEAM/UnB

Doutora, Magda de Lima Lúcio

Professora-Examinadora 2

Departamento de Gestão de Políticas
Públicas – GPP/UnB

Brasília, 13 de maio de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha banda, aos meus guias, aquelas que caminham ao meu lado desde os tempos mais antigos, à todas as Deusas que me auxiliam neste caminho terreno.

Agradeço à minha mãe Noris, por ser meu maior exemplo de uma feminista ética, forte e vulnerável. Agradeço ao meu pai Fernando por me ensinar a força da ação consciente, regada de poesia. Aos dois em conjunto, que sacrificaram tanto para nossa educação e nos ensinaram o valor da lucidez e da vida, rara e preciosa. Aos meus irmãos Pedro e Rafael e minha irmã Thaís.

A querida professora Rosana Boullosa, que desde a disciplina de Avaliação em Políticas Públicas, até a monitoria e parte da orientação deste trabalho, me guiou em conteúdos. Como Exú em minha vida, abriu meus olhos para novos caminhos de conhecimento e reflexão.

A professora Janaina Peres, por sua preciosa orientação acadêmica que fortaleceu as bases deste trabalho, e com sua gentileza, olhar artístico e dedicação acalmou o ânimo na elaboração da monografia.

Ao Grupo de Pesquisa “Processos de Inovação e Aprendizagem em Políticas Públicas e Gestão Social”, por proporcionar debates revolucionários na minha intelectualidade. A todas as professoras e professores que marcaram positivamente minha trajetória acadêmica.

Às gestoras e gestores, que foram inspiração e exemplo durante minha vida profissional.

Às funcionárias e funcionários da FACE e UnB, que nos proporcionam um espaço favorável ao estudo.

A Roda das Minas, por me presentear com irmãs de coração e me dar a oportunidade de contribuir para esta roda girar com amor e cuidado.

“... a capacidade criadora da mulher é seu trunfo mais valioso, pois ela é generosa com o mundo externo e nutre a mulher internamente em todos os níveis: psíquico, espiritual, mental, emocional e econômico. A natureza selvagem derrama-se em possibilidades ilimitadas, atua como um canal de vida, revigora, mitiga a sede, sacia a nossa fome pela vida profunda e selvagem. ”

Clarissa Pinkola Estés (2014)

“Uma bênção não faz com que você ganhe alguma coisa, mas, na verdade, faz com que você use alguma coisa - algo que você já possui -, o dom que nasceu junto com você no dia em que você chegou à Terra. Uma bênção é para que você se lembre totalmente de quem é, e faça bom uso da magnitude que nasceu embutida no seu eu precioso e indomável”

Clarissa Pinkola Estés (2007)

“Suas luzes continuam a oscilar no escuro... através de nós... pois, com uma única tirinha de palha, podemos ascender nosso fogo a partir do fogo delas... ter inspirações a partir das suas inspirações. Nós somos as herdeiras. Desse modo, nós também aprendemos a passar oscilantes pela escuridão. Uma mulher assim iluminada não consegue encontrar o próprio caminho à luz de uma vela ou à luz das estrelas, sem também lançar luz para outras. ”

Clarissa Pinkola Estés (2007)

RESUMO

Foi realizada uma avaliação axiológica da coletiva feminista Roda das Minas (GPP/ UnB), em busca dos valores gerados nas rodas de conversa capazes de transformar o olhar e as práticas das participantes, assim como inserir a coletiva como atriz de transformação no fluxo de experiências públicas. Para tal, foram realizadas entrevistas com seis mulheres participantes da Roda, com diferentes perfis e características interseccionais. O material foi interpretado por meio de uma matriz de argumentos e analisado em uma teia valorativa, de produção própria. Por fim, foi produzido um mini-documentário a partir do registro audiovisual das entrevistas, disponível no *youtube*. Os principais valores identificados e interconectados foram o empoderamento, o feminismo interseccional, a aprendizagem e a rede de apoio, posicionando a Roda como um espaço de construção e reflexão coletivas e uma agente sociocêntrica em constante avaliação axiológica e de suas ações.

Palavras-chave: Política Pública; Avaliação Axiológica; Feminismo Interseccional; Roda das Minas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Linha do Tempo da Roda das Minas.....	33
Figura 2 – Marca da Roda das Minas.....	38
Figura 3 – Nuvem de Palavras.....	52
Figura 4 – Teia Valorativa.....	53
Figura 5 – Cartaz Confeccionado em uma das Rodas (2019).....	54
Figura 6 – Roda de Conversa na FACE/UnB (2018).....	56
Figura 7 – Roda aberta na Semana Universitária (2018).....	59
Figura 8 – Roda de Conversa na FACE/ UnB (2018).....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Matriz de Argumentos (Parte I).....	40
Tabela 2 – Matriz de Argumentos (Parte II)	43
Tabela 3 – Matriz de Argumentos (Parte III)	45
Tabela 4 – Matriz de Argumentos (Parte IV).....	48
Tabela 5 – Matriz de Argumentos (Parte V).....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPOP – Centro Acadêmico de Gestão de Políticas Públicas

FACE – Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas

FAV – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária

GPP – Gestão de Políticas Públicas

ICC – Instituto Central de Ciências

LBT – Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Travestis

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Travestis

Roda – Roda das Minas

SERPRO – Serviço Federal de Processamento de Dados

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	POLÍTICAS PÚBLICAS, AVALIAÇÃO E FEMINISMOS.....	16
2.1	Políticas Públicas.....	16
2.2	Avaliação em Políticas Públicas.....	20
2.3	Feminismos e Políticas Públicas.....	24
3	METODOLOGIA.....	31
3.1	Tipo de Avaliação e a Escolha Axiológica	31
3.2	Categorias Avaliativas.....	31
3.3	Roda das Minas.....	32
3.4	Instrumentos de Pesquisa Avaliativa.....	36
3.5	Participantes da Pesquisa.....	37
4	AVALIAÇÃO DOS VALORES: a teia valorativa da Roda das Minas	38
4.1	Empoderamento.....	54
4.2	Feminismo Interseccional.....	56
4.3	Aprendizagem.....	59
4.4	Rede de Apoio.....	62
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
	REFERÊNCIAS.....	68
	APÊNDICE.....	72

1 Introdução

1.1 Contextualização do tema

Nesta pesquisa, irei produzir conhecimento avaliativo sobre uma experiência única no campo de públicas: a criação de uma coletiva feminista no âmbito do curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília - GPP/UnB. A escolha do objeto de pesquisa se deu em 2019, quando cursei uma disciplina de Avaliação de Políticas Públicas ministrada pela professora Dra. Rosana Boullosa. Na disciplina, estudamos diversos caminhos no campo da avaliação, assim como sua importância para a manutenção e renovação das políticas públicas. O encontro com a professora Rosana abriu meus olhos para um caminho de estudos críticos que não conhecia antes, e cresceu em mim o fascínio com a avaliação de políticas públicas, por sua relevante existência neste campo.

Grande parte da minha graduação foi passada/vivida em roda com outras mulheres e atuei como uma das organizadoras na coletiva Roda das Minas de 2016 a 2018. Quando, em 2019, me foi dada a oportunidade de avaliar a coletiva, minha escolha para o projeto final da matéria foi fazê-lo por meio da macro-escola antropológica, pois esta poderia captar detalhes das histórias de vida e dos discursos das participantes. Neste intuito, estava presente minha defesa da Roda das Minas como uma experiência pública, mais especificamente como uma política pública sociocêntrica, por enxergar primeiro a criação orgânica deste espaço para suprir uma demanda interna das estudantes, segundo para valorizar a seriedade do trabalho desenvolvido por estudantes mulheres do nosso curso e terceiro para reconhecer a presença e importância do conceito de política pública para além de algo que o Estado faz ou deixa de fazer, ou seja, ver políticas públicas como práticas que não se resumem ao quadro estatal, mas emergem com vozes da sociedade.

O trabalho final da disciplina de avaliação me abriu diversas portas, uma delas para o Grupo de Pesquisa em Gestão Social, que me auxiliou teoricamente a defender aquilo em que já acreditava. Com auxílio da professora Rosana, percebi que a macro-

escola axiológica seria mais apropriada para encontrar o que eu buscava: os valores contidos nos argumentos das participantes. Pela importância deste tema, que abarca grandes conceitos, desenvolvi esta monografia, uma avaliação axiológica da coletiva Roda das Minas (GPP/ UnB). As principais categorias teórico-analíticas mobilizadas nesta pesquisa são: políticas públicas, avaliação de políticas públicas e feminismos. Seguirei o caminho dos estudos críticos em gestão social, da avaliação axiológica e do feminismo interseccional, com o objetivo de identificar os valores da coletiva, interpretar suas consequências e dialogar com o campo de políticas públicas sobre diferentes caminhos de avaliação.

Assim, a partir desta compreensão de políticas públicas, alicerçado em uma parte muito específica do campo de estudos em políticas públicas, este projeto de pesquisa assume um olhar que enfatiza as questões valorativas e a importância da pluralidade atorial de instrumentos que são ativados no contexto das políticas públicas. Defende-se que, em um projeto democrático de sociedade, são precisos múltiplos instrumentos que alcancem as diferentes dimensões sociais, políticas e econômicas com o teor de transformação dos problemas públicos e questões identitárias existentes em um determinado contexto. E, portanto, defende-se que instrumentos/argumentos sociocêntricos (produzidos a partir de experiências não estatais) também compõem ou integram o fluxo das políticas públicas (Fischer, 2016; Boullosa, 2019).

Neste sentido, é importante que desenvolvamos trabalhos que investiguem estes instrumentos socialmente ativados, inclusive no que concerne a produção de um conhecimento muito específico sobre eles, que é o conhecimento avaliativo. Contudo, um desafio que se apresenta é justamente o de construir um caminho metodológico que esteja alinhado a esta mesma posicionalidade no campo. Um caminho avaliativo que seja capaz de abarcar e de interpretar as subjetividades, o que não está escrito, os resultados não explícitos, etc.

Algumas experiências sociocêntricas – com uma forte dimensão subjetiva - podem e devem ser avaliadas no universo do campo de públicas. Para isso, de forma que a instrumentalidade alcance diferentes níveis e camadas de subjetividades, é

preciso escolher um caminho avaliativo que contemple essas dimensões, como o faz a avaliação axiológica.

Esta posicionalidade parece ser particularmente fértil em setores de políticas públicas que ainda não estão consolidados na agenda política e governativa. Este é o caso precisamente das políticas públicas para as mulheres, ou em inglês, *women policy*, que surgem de problemas públicos gerados, em grande medida, pela estrutura patriarcal, capitalista e colonial. A história da construção de uma sociedade patriarcal foi objeto de estudo de muitas autoras, como foi o caso de Gerda Lerner (2019), que desenvolveu pesquisas sobre como historicamente as mulheres foram sendo oprimidas pelos homens, em diferentes épocas e diferentes culturas e como estas opressões possuíam também dimensões de classe e raça, além da explícita de gênero.

Assim, várias são as formas de manifestação de diferentes opressões, a elas é dado o sentido de interseccionalidade, que segundo Crenshaw (*apud* Piscitelli, 2008, p. 267): “...são formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo. Essa noção de ‘interação’ entre formas de subordinação possibilitaria superar a noção de superposição de opressões. ”, ou seja, são as múltiplas características políticas que um sujeito carrega. Além de gênero e raça, se enquadram nesse debate a existência de deficiência, classe social, orientação sexual, nacionalidade, etnia, etc.

Para confrontar estas opressões interseccionais, muitas autoras começaram a pensar em caminhos possíveis para a difícil autorrealização da mulher na sociedade, ao mesmo tempo em que os movimentos sociais organizados se articulavam pela pressão por políticas e políticas públicas para as mulheres. E dentre estes cruzamentos, as noções de autorreconhecimento e empoderamento assumiram uma posição de centralidade, particularmente esta última.

De fato, um dos muitos efeitos que políticas públicas para mulheres podem causar é o empoderamento que, em sua objetividade, significa “dar poder”. Em definições mais completas pode-se dizer que “o empoderamento é uma construção que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de suporte e comportamento proativo no âmbito das políticas públicas e mudanças sociais” (Rappaport, 1981, 1984). A noção de empoderamento, portanto, é de extrema importância ao se tratar de questões emancipatórias, como os feminismos,

inicialmente para mudança e reconhecimento individual, de forma privada e íntima. Depois, coletivamente, em pequenos grupos, e depois publicamente, quando as mudanças transbordam da esfera privada ou microssocial, para alcançar a esfera pública e atingir outras pessoas e contextos, além do esperado.

Reconhecer estes processos de empoderamento como material de políticas públicas e seus lócus de construção e produção como espaços que se articulam aos fluxos de políticas públicas vem sendo considerado essencial por um grupo cada vez mais amplo de autoras que conferem centralidade às questões de gênero como Lélia Gonzalez, bell hooks, Chimamanda Adichie, Carla Akotirene, Kimberlé Crenshaw, Djamila Ribeiro, Berth, Gerda Lerner, Angela Davis; por autoras que buscam articular o campo das políticas públicas com a perspectiva de gênero, como Mary Hawkesworth e Ana Paula A. Martins; e por autores que, em suas análises críticas, buscam valorizar outros lócus de produção de conhecimento, bem como os estudos feministas, como Paulo Freire, Frank Fischer, Rosana Baullosa, Janaina Peres, Luiz Fernando Bessa, Boaventura de Sousa Santos. Assim, articula-se cada vez mais um campo específico de luta por reconhecimento social e suporte público - o que dialoga muito bem com a compreensão sociocêntrica de políticas públicas, tais como a dos estudos críticos e em especial a da *Mirada ao Revés* (Baullosa, 2013).

E um destes espaços acontece aqui na Universidade de Brasília. Trata-se da coletiva Roda das Minas - tratada no feminino por questões identitárias de gênero, que questionam (inclusive) a linguagem generalizada no masculino. A Roda foi criada em 2015, por iniciativa de estudantes do curso de Gestão de Políticas Públicas (GPP) e surgiu da necessidade de dialogar com outras mulheres sobre a realidade patriarcal e sobre as opressões presentes no cotidiano universitário. Com o tempo, a Roda foi crescendo, firmando suas bases e elaborando temas mais variados que contemplam o universo interseccional das mulheres. Atualmente, a Roda das Minas, além de proporcionar rodas de conversas na Universidade de Brasília - UnB, é também um projeto de extensão, levando as rodas para dentro das escolas públicas do DF em diálogo com as meninas, com o nome de "Roda das Minas: políticas públicas para meninas".

A coletiva Roda das Minas, porém, é apenas uma das experiências que compõem o fluxo de argumentos que defendem a importância da luta feminista no espaço da Universidade de Brasília. Há diversas outras iniciativas nesse fluxo, como por exemplo a criação do "Jardim Louise Ribeiro" em memória e homenagem à

estudante vítima de feminicídio dentro da universidade. A iniciativa de criação do jardim foi das estudantes de Biologia, curso da Louise, e é o primeiro jardim naturalista de cerrado do mundo, também é símbolo de combate à violência contra as mulheres. As estudantes realizam ações como rodas de conversa e mutirões de plantio, sempre em apoio às pautas feministas.

Ainda na onda (fluxo) feminista dentro da UnB, foi criado o Centro de Convivência de Mulheres (CCM), a partir da ocupação de uma sala no ICC Sul que posteriormente foi transferida para outra sala fixa, próxima à Diretoria de Diversidade (DIV). É um espaço de integração e articulação coletiva e autônoma de mulheres que promove diversas ações: rodas de conversa, clube de leitura, vivências, oficinas, cine debates, entre outras. Também é um espaço que as estudantes mães podem utilizar para sua privacidade durante as aulas.

Além das ações promovidas pelas estudantes, existem também diversos grupos de pesquisa com participação de docentes como o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres (NEPeM) e o Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero, das Ciências Sociais (UnB).

Para além dos muros da UnB, na sociedade também são inúmeros os coletivos e projetos voltados à questão de gênero. No âmbito federal, pode-se citar a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) que tem como principal objetivo:

promover a igualdade entre homens e mulheres e combater todas as formas de preconceito e discriminação herdadas de uma sociedade patriarcal e excludente. Desde a sua criação em 2003, pelo então Presidente Lula, a SPM vem lutando para a construção de um Brasil mais justo, igualitário e democrático, por meio da valorização da mulher e de sua inclusão no processo de desenvolvimento social, econômico, político e cultural do País. (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2020)

Inicialmente, Nilcéa Freire, que foi reitora da UFRJ, ministra e secretária da SPM foi “responsável pela flexibilização de leis relativas ao aborto, generalização do serviço disque-denúncia mulher e das delegacias e varas especiais das mulheres para a efetiva aplicação da Lei Maria da Penha” (G1, 2019). Este exemplo de Nilcéa retrata a ligação entre Universidade, Estado e Sociedade no que diz respeito a como este processo de diálogo, de ações micropolíticas, de alimentação entre grupos de respostas governamentais e espaços dentro dos movimentos sociais específicos

acontecem e são importantes. Todo este debate pode ser analisado a partir do ativismo institucional, um objeto que vem sendo muito estudado atualmente, como por exemplo por Paula Osakabe (2017) com orientação de Rebecca Abers, intitulado “Trajetórias e Travessias: Ativismo institucional e a Secretaria de Políticas para Mulheres”.

Nesse sentido, a trajetória de transformação da Roda das Minas se insere em um fluxo de múltiplas experiências: nasce, cria e dá forma a experiências públicas. Com base em John Dewey, Peres (2020, p. 54) formula que:

A experiência estética deweyana é de um tipo que nos permite compreender outras culturas, outras formas de ser, de dizer, de fazer, de pensar; é uma experiência que nunca se encerra em si mesma e que ativa nossas relações com o mundo.

1.2 Apresentação da Pergunta de pesquisa

Como justificado até aqui, é de extrema importância avaliar estas experiências públicas, em especial as sociocêntricas, que ainda recebem menos atenção no campo da gestão e das políticas públicas, tanto nas questões de gênero quanto na abordagem de políticas públicas como um fluxo multiatorial não estadocêntrico. Conforme a contextualização, a avaliação axiológica foi realizada na coletiva feminista da Universidade de Brasília (UnB) do curso de Gestão de Políticas Públicas, Roda das Minas.

Para alcançar as subjetividades, no que diz respeito ao empoderamento de si e de outras das mulheres participantes, a pergunta de pesquisa foi construída da seguinte forma:

No contexto das experiências públicas, como constituidoras dos fluxos de políticas públicas, quais valores gerados nas rodas de conversa feministas da Roda das Minas podem transformar as praticantes/atrizes engajadas na experiência?

1.3 Objetivos

Objetivo geral

Avaliar axiologicamente a coletiva Roda das Minas (GPP/UnB), com foco nos valores produzidos no contexto dos encontros da coletiva, de 2015 a 2019, e em suas consequências na vida das sujeitas/praticantes engajadas nessa experiência sociocêntrica.

Objetivos Específicos

1. Descrever a trajetória de desenvolvimento da coletiva Roda das Minas
2. Problematizar o alcance dos valores e o percurso das mudanças nas vidas das participantes, a partir de categorias avaliativas tais como empoderamento, interseccionalidade, identidade e participação na ação pública
3. Desenvolver uma matriz avaliativa interconectada, mais alinhada às experiências das participantes da Roda das Minas, bem como a roda como uma atriz de transformações
4. Problematizar a Roda das Minas como um instrumento sociocêntrico que se insere dentro de um fluxo multiatorial das políticas públicas para mulheres

1.4 Justificativa

Esta pesquisa encontra justificativas em quatro diferentes dimensões de desenvolvimento e resultados:

- a. Importa para o campo de estudos em políticas públicas: pois busca pluralizar ainda mais este campo de estudos, por meio da filiação aos estudos críticos e por meio de uma análise sociocêntrica de um caso prático, que nos permite ver a “Roda das Minas” como uma “experiência (potencialmente) pública”. Trazendo um outro olhar a este campo tão vasto, plural e de possibilidades ilimitadas. Com isto ajuda uma parte do campo a desenvolver teorias baseadas na prática de gestão social e ampliar a visão acerca de ações públicas eficazes não proporcionadas pelo Estado, empoderando a sociedade e legitimando suas ações de organização popular.
- b. Contribui com os estudos feministas: porque busca articular os avanços de tal campo com o campo de estudos em políticas públicas, descrevendo uma ação contínua de interconexão entre ambos que resulta em uma poderosa comunidade que segue espalhando os saberes feministas de empoderamento e respeito à diversidade de mulheres que compõem esse universo.
- c. Importa para a Roda das Minas: que recebe uma avaliação axiológica de suas ações públicas, explorando suas subjetividades e a potência do “ser mulher” no contexto universitário, como uma vivência empoderadora a partir de uma rede de apoio criada pela coletiva. Além de dimensionar suas transformações em cada uma das mulheres que têm contato com suas ações, que no futuro atuarão em diversos campos da sociedade com uma consciência elevada e plural. Dando força à expansão do projeto e em agradecimento pelo acolhimento e o ensino da política com afeto.
- d. Contribui para meu percurso de formação, porque representa um grande fechamento de ciclo e a identificação com estudos críticos em políticas públicas, a posicionalidade na avaliação axiológica, os feminismos e a decolonialidade que moldam minha intelectualidade com a essência na ética, que permitirá realização pessoal e preparação para aplicação futura em minha vida profissional.

2. POLÍTICAS PÚBLICAS, AVALIAÇÃO E FEMINISMOS

2.1 Políticas Públicas

Dentro do vasto campo de estudos em políticas públicas, existem diversos caminhos teóricos. A partir dos trabalhos de Harold Lasswell, cujo início pode ser atribuído à publicação do livro *The Policy Science* (Lasswell & Lerner, 1951), o campo foi se desenvolvendo sobretudo pela aproximação com a filosofia analítica, numa perspectiva mais economicista, a qual pode ser considerada como racional-positivista (Boullosa et alli, 2020), dentro de um modelo de racionalidade linear-consequencialista. Vinte anos depois, porém, este campo já começava a se confrontar com crítica habermasiana (FISCHER, 1980; 2016) e, nos anos oitenta, com a configuração de uma pluralidade que, no mínimo, se alicerçava em duas grandes tradições: uma mais positivista, e uma outra que começava a chamar a si mesma como pós-positivista (Boullosa et alli, 2020). Em ambas, claro, havia diferentes matizes e caminhos epistemológicos. Mas aqui queremos chamar a atenção para um destes caminhos dentro do pós-positivismo que é o caminho dos estudos críticos em políticas públicas. Sob forte influência da escola Frankfurt, na Alemanha, os estudos críticos representam hoje uma alternativa sólida para a análise racional de políticas públicas.

Para os pensadores alinhados a esta escola de pensamento, política pública é um construto interpretativo, de matriz argumentativa, que dá sentido e significado para um conjunto de ações e instrumentos ativados por diferentes atores, estatais e não estatais (Fischer, 2016; Boullosa, 2013). Com isto, a compreensão de políticas públicas não se restringe à concepção de uma ação estadocêntrica, mas considera a política pública como fluxo de instrumentos, práticas, argumentos, intenções, ações, etc. que também podem ser ativados de forma sociocêntrica. Ou seja, instrumentos que emergem da articulação cidadã e da necessidade de resposta social. Ela é entendida como um fluxo multifatorial, do Estado e da sociedade, que interconectados ativam esses instrumentos e os movimentam (Boullosa, 2019).

Existem muitas formas de definir política pública. Inicialmente, este vasto campo seguiu a linha de pensamento racional positivista, fundamentado nos princípios de eficiência e eficácia, e tal período resultou na classificação de “análise racional das políticas públicas” (ARPP), lógica que se mantém hegemônica até os dias atuais nas esferas estatais de formulação de políticas públicas (BOULLOSA, 2014). Nessa tradição positivista pode-se situar o famoso ciclo de políticas públicas, dividido em cinco etapas: formação de agenda, formulação da política pública (*policy makers*), processo de tomada de decisão (*policy takers*), implementação e avaliação (Sabatier, 1999). A classificação do processo de fazer política pública revela, desta forma, um quadro valorativo sistematizado, onde uma etapa segue a outra perfeitamente, sem levar em consideração os fatores subjetivos ligados ao processo e a conexão entre as diferentes etapas, que não acontecem, necessariamente, na ordem desejada.

Posteriormente, surge a tradição pós-positivista, por volta dos anos 1980, com diferentes abordagens no campo de políticas públicas, chamando atenção para a natureza multidisciplinar do campo, com foco na forte influência política em todo o processo. Um importante autor deste período é Thomas Dye, que define política pública como “tudo aquilo que os governos decidem ou não fazer” (DYE, 1972, p.1, *apud* BOULLOSA, 2014, p.145), entende-se o caráter valorativo no processo de decisão assim como retira-se a centralidade do Estado no fazer política pública. Frank Fischer (2016), outro autor relevante, apresenta a ideia dos estudos críticos formados por diversos atores que contribuem em todo o processo. Aqui, a ideia de criticidade não se refere ao julgamento, mas sim a repensar o *mainstream* e tudo aquilo que é apresentado, independente da forma. Boullosa em “Dicionário para formação em gestão social” define política pública como:

uma resposta multiatorial, não orquestrada e assíncrona, políticas públicas não pode ser compreendida como plano, projeto, programa ou ação ativado pelo governo legítimo de uma dada sociedade. Pelo contrário, ela não é um objeto, mas sim um modo de ver um fato social coletivo de mobilizações para o tratamento de um problema de pública relevância. (BOULLOSA, 2014, p. 146)

Desta forma, esta perspectiva ampliada do conceito de política pública dialoga com a ideia de “ação pública” (Lascoumes & Le Galès, 2012) e com o conceito de “experiência pública” (Peres, 2020), abordagens que enxergam as políticas públicas como construções sociohistóricas de múltiplos sujeitos, ao invés de vê-las como um objeto (um plano, um programa, um instrumento), surgida por demanda social e algumas vezes não contemplada pelo Estado. Em relação à crítica à ARPP, que possui fortes influências no campo de estudos, a autora acrescenta:

Acabou ficando de fora uma bonita diversidade que foi colhida pelos teóricos do campo, não como uma evidência de escassa formalização do campo, mas como um sinal de uma madura consciência metodológica (REGONINI, 2011) e pluralismo epistemológico (BRAYBROOKE, 1987). (BOULLOSA, 2014, p.147)

A “Mirada ao Revés”, portanto, busca enfatizar essa bonita diversidade. É uma teoria que vem sendo desenvolvida desde a década de 2010, pela professora Rosana Boullosa, no âmbito do Grupo de Pesquisa “Processos de Inovação e Aprendizagem em Políticas Públicas e Gestão Social”, antes sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atualmente sediado no Departamento de Gestão de Políticas Públicas - GPP, da UnB. Segundo a autora, a Mirada:

caracteriza-se por compreender as políticas públicas como fluxo de instrumentos, práticas e argumentos ativados por uma multiatorialidade interessada tanto na definição de problemas públicos, e de suas alternativas de solução, quanto na preservação de bens públicos. (BOULLOSA, 2019, p.92)

Nesse processo, é importante destacar que a chamada multiatorialidade¹ está em constante mudança e construção dentro do próprio fluxo dos instrumentos de políticas públicas, essa compreensão se faz relevante para questionar a

¹ “Complexidade, incerteza e posicionalidade integram as dinâmicas ativadas pela diversidade, resultando em um processo de atorização própria, que recebe o nome de multiatorialidade” (Boullosa, 2019, p.96)

heterogeneidade de produção de conhecimento no campo de públicas (Boullosa, 2019). Seguindo a lógica decolonial e feminista (Lugones, 2008) dentro do campo das políticas públicas, a “mirada ao revés” abre novas fontes de conhecimento e de resistência, com significantes e significados cabíveis à esfera Latino Americana.

Através da pesquisa implicada, aquela que questiona, critica e busca enxergar os estudos por outra lente - com outro foco e outras cores - encontra-se um vasto caminho de análise sociocêntrico no campo de públicas (BOULLOSA, 2019) de escala meso, ou seja, nem voltada completamente para o Estado e nem completamente para a escala microssociológica. Esta pesquisa busca construir, portanto essa escala meso no campo das políticas públicas - a escala das “experiências públicas” que buscam construir a ponte entre “estruturas formais, estatais ou institucionais” (Peres, 2020, p. 85) e a escala das políticas situadas e corporificadas, muito enfatizadas por Martins (2018). Ao reconhecer a política como um espaço dotado de valores, descarta-se a possibilidade de análises neutras ou a busca incessante por tal neutralidade.

Ainda com relação à complexidade de se definir a multiatorialidade, Boullosa (2019, p. 97) compartilha que:

A multiatorialidade é, assim, um constructo interpretativo sociocêntrico que busca superar a dimensão estadocêntrica do ator individual como locus único da ação em políticas públicas, bem como definidora da própria qualidade da ação (a política é pública porque o ator o é).

Dito isso, a presente pesquisa busca avaliar uma ação sociocêntrica, que compõem o fluxo de políticas pública e é formada por um grupo multiatorial, a partir da racionalidade afetiva e crítica, buscando compreender o conjunto de valores que permeiam essa experiência pública em sua dimensão individual e coletiva no contexto do campo de públicas.

2.2 Avaliação em Políticas Públicas

A avaliação pode ser considerada por si só um campo de estudos, cujo caminho, no contexto da gestão pública, nasceu a partir do *New Deal* nos Estados Unidos (EUA), com a necessidade de informar ao gestor público a qualidade da política em si sem dimensão política-valorativa, o avaliador tinha uma missão de viés neutro do início ao fim, orientado pela racionalidade linear para o alcance dos resultados. Em 1945 ao final da Segunda Guerra Mundial, os EUA decidem financiar a recuperação de diversos países europeus, inclusive com a ferramenta da avaliação, desta vez agregando juízo de valor (Faria, 2005).

Desde o início, a natureza descritiva esteve presente nas avaliações, reforçando o modelo *top-down* de políticas públicas, tanto que permeia as primeiras macro-escolas avaliativas como veremos a seguir. Frank Fischer (2016), um dos principais críticos ao positivismo reforçou a ideia de uma lógica *bottom-up*, tanto para as políticas públicas quanto para as avaliações das mesmas.

Em 1970 surge a perspectiva da participação e empoderamento social, porém já na década seguinte através do *New Public Management*, observamos o fortalecimento do positivismo no âmbito da administração pública gerencialista, muito apoiado pela iniciativa privada com a ideia de avaliar políticas públicas em termos de eficácia e eficiência.

Há diversas formas de se classificar uma avaliação. Para os fins deste trabalho, vale ressaltar que podem ser classificadas por macro-escolas (como será discutido em seguida) e também de acordo com o momento em que acontecem. Em termos temporais, quando tratamos de avaliação de políticas públicas, podemos situá-la em três diferentes tipos: *ex-ante* (quando a avaliação ocorre antes da implementação), *in itinere* (enquanto a política pública está em curso) ou *ex-post* (após o encerramento da política). A avaliação desenvolvida neste trabalho é *in itinere*.

Hoje em dia, o campo da avaliação está se tornando cada vez mais complexo, com grande diversidade, como ilustram as diferentes possibilidades de definição do termo. Scriven (*apud* Boullosa & Peres, 2020, p. 97), por exemplo, define avaliação como a “determinação de valor ou mérito de uma entidade”, ou seja, reconhece que existe uma dimensão subjetiva muito explícita. Carol Weiss (1967) aponta que toda avaliação 360 graus é um mito, ressaltando a complexidade do processo. Já Ed Campbell (1988) acredita que a avaliação é uma ciência objetivista e deve ser realizada a partir de métodos experimentais. Dentre toda esta pluralidade, é importante entender e buscar se posicionar dentro do campo da avaliação.

Dentre as diversas classificações dos modelos avaliativos, a utilizada neste estudo será a proposta por Boullosa e Peres (2020), segundo elas, as macro-escolas avaliativas podem ser divididas em cinco: científico-experimental, gerencialista, participativa, antropológica e axiológica.

A macro-escola científico-experimental ou quase experimental se baseia no estudo quantitativo e científico, como se fosse um laboratório de experimentos químicos. Dois grupos com variáveis dependentes os mais semelhantes possíveis são comparados em um dado período de tempo, um deles não experimenta a política pública avaliada e o outro sim, respectivamente são adotados os nomes “grupo de controle” e “grupo experimental”. Após o ciclo de coleta de dados, as variáveis dependentes são subtraídas entre os grupos, restando apenas a variável independente que é o próprio instrumento de política pública. Um dos maiores desafios dessa escola é que é quase impossível definir todas as variáveis que atuam em uma sociedade e sintetizar corpos humanos que se relacionam em comparação a experimentos químicos/físicos (Boullosa & Peres, 2020).

Ainda de acordo com as autoras, a segunda macro-escola avaliativa é a gerencialista, que tem como principal característica sua análise positivista racional em busca de avaliar a gestão em si. Utiliza como foco resultados de eficiência e eficácia antes mesmo da implementação do objeto. Esta pesquisa, porém, está inserida na

macro-escala axiológica e dialoga com as macro-escolas participativa e antropológica, que serão apresentadas em mais detalhe a seguir.

A macro-escola avaliativa participativa trabalha com a construção da avaliação de forma qualitativa, no micro e coletiva, possui diferentes níveis de participação: aquela em que a equipe insere totalmente ou parcialmente a comunidade em seu processo avaliativo, se o avaliador considera a equipe na produção do documento final ou não. A principal vantagem desta escola é que consegue ser multidimensional, pegar diferentes programas e projetos e avaliá-los em suas redes de ação.

Segundo Boullosa e Peres (2020, p. 95), as avaliações participativas:

problematizam sempre a dimensão política de suas experiências; buscam construir um juízo ou síntese avaliativa, não somente com a presença dos participantes, mas sobretudo com as suas vozes em primeiro plano; discutem os significados e usos do que pode vir a ser chamado como produto avaliativo; assumem que os participantes conformam uma comunidade de avaliadores, cuja finalidade pode ir, inclusive, para além dos propósitos avaliativos; e utilizam técnicas e instrumentos que possuem uma noção mais inclusivista do que significa conhecimento avaliativo especializado.

A proposta avaliativa antropológica se dá através do método etnográfico e tem como principal apoio teórico o diário de campo (Boullosa & Peres, 2020). É subjetiva e capta detalhes da dimensão micro de análise do objeto. Busca entender a rede de significados pela visão daqueles e daquelas que vivenciam o instrumento de políticas públicas em seu cotidiano.

Em lugar do feitiço dos números que costuma medir a eficácia dos produtos acabados nas avaliações convencionais, o estilo desta avaliação dá ênfase ao processo de aplicação dos programas e aqueles detalhes de contradição que costumam acompanhá-lo. (MINAYO, 1991)

Por fim, a macro-escola avaliativa axiológica, onde esta pesquisa se situa, é baseada no construto de valores que permeiam a avaliação, é uma nova perspectiva

de análise que contém muito dos estudos críticos não *mainstream*. Entende-se que a escolha do objeto avaliado, sua metodologia e documento final são processos dotados de valores políticos do início ao fim. Boullosa e Peres (2020, p. 96) ressaltam que a avaliação axiológica “assume que políticas públicas são sempre processos e não produtos acabados (o que significa que, de um lado, a sua natureza é artificial, incerta e imprecisa e que, de outro, seus contornos dependem sempre do olhar do avaliador)”. Sobre o conceito de valor, as autoras dizem:

A ideia de valor, vista como “definidora” dos fatos, acaba por singularizar as avaliações que se alinham a esta escola de pensamento, por lhe atribuírem centralidade como material primordial de investigação. Se os valores conformam a matéria, os caminhos para lidar com ela são interpretativistas. (BOULLOSA & PERES, 2020, p. 10)

Do ponto de vista filosófico, pode-se enxergar a axiologia em todos os espaços, não apenas no campo de políticas públicas. Os valores se expressam na sociedade humana de múltiplas formas e cores, fazem parte das escolhas éticas (ou não éticas) das pequenas revoluções do cotidiano:

...Mas vai além, buscando compreender a avaliação em sua dimensão política de transformação social por meio de uma noção mais plural e fortemente democrática de conhecimento avaliativo, ancorado a novas epistemologias como vem acontecendo com os estudos sobre linguagem na Europa, os estudos subalternos na Ásia, os estudos decoloniais na América Latina e África e os estudos feministas distribuídos nas Américas como um todo. Estas novas incursões já nascem de uma busca por uma posicionalidade normativa e axiológica que ao mesmo tempo em que enriquece os processos avaliativos, ..., também apontam para um futuro engajado da avaliação em políticas públicas em processos de democratização das sociedades por meio da democratização do conhecimento (BOULLOSA, 2020, p.11)

2.3 Feminismos e Políticas Públicas

O feminismo é um movimento social e político - que reverbera no campo das Políticas Públicas, da Sociologia, da Filosofia, da Economia, entre tantos outros - “inspirado pela crença na igualdade fundamental entre homens e mulheres e comprometido com a erradicação das injustiças baseadas em gênero” (Hawkesworth, 1994, p. 97, trad. da autora), um movimento de luta pela equidade de direitos das mulheres, entendendo suas especificidades através de seus contextos.

Faz-se necessário destacar que a trajetória dos feminismos² é plural, muitas histórias podem ser contadas a partir de diferentes perspectivas e é preciso se atentar para não incorrer no perigo da história única (Adichie, 2018). Ou seja, universalizar um movimento ignorando suas territorialidades, culturas, temporalidades e a multiatorialidade presente. Uma das diversas perspectivas de interpretação e análise do movimento feminista é por meio de sua divisão por ondas. Estas, porém, não possuem uma fronteira entre si e as questões levantadas por elas são objeto de estudo e discussão até os dias atuais. As ondas feministas contam, sobretudo, a história das mulheres europeias e norte-americanas, em uma perspectiva ocidental e hegemônica; já as ondas no Brasil seguiram outra trajetória. Como solução a esse problema, muitas autoras têm utilizado o termo “linhagens” feministas para pluralizar a forma de contar as histórias do movimento (Gomes e Sorj, 2014).

Para os fins deste trabalho e feita essa ressalva, optei por apresentar o movimento por meio da classificação hegemônica das ondas feministas (Martins, 2015), para uma introdução geral, não sem deixar de enfatizar a importância das obras de autoras brasileiras e latinoamericanas como Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Céli Pinto, Flávia Biroli, Ana Paula A. Martins, Carla Akotirene, Joice Berth, Débora Diniz, Bila Sorj, Helena Hirata, entre muitas outras, para pensarmos a pluralidade dos feminismos e as especificidades regionais e locais do sul global. Vale ressaltar que,

² Feminismos no plural, pois são diversas as vertentes que compõem o movimento e são diversas, também, as formas de interpretá-las (PAULA & GALHERA, 2019).

contemporaneamente, o movimento feminista na América Latina é considerado um dos mais potentes em todo o mundo, devendo ser reconhecido como tal, além de estudado com profundidade e atenção, o que constitui uma importante agenda de pesquisa a ser explorada pelo Campo de Públicas.

A primeira onda feminista teve seu início em 1760 na Europa, o contexto era o da Revolução Francesa e do movimento sufragista que lutava pelo direito das mulheres ao voto. Em 1791 uma mulher chamada Olympe de Gouges escreveu a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, em resposta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que não incluía mulheres. Em conclusão dos 17 Artigos, Gouges (1971, s/p.) pontua:

Mulher, desperta. A força da razão se faz escutar em todo o Universo. Reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza não está mais envolto de preconceitos, de fanatismos, de superstições e de mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da ignorância e da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Tornando-se livre, tornou-se injusto em relação à sua companheira.

Esta declaração foi considerada um grande marco oficial para o movimento feminista, que gerou muita força e mobilização. Pode-se perceber desde já, que Gouges quando fala, não fala para todas e sobre todas, pois ser mulher não é uma categoria universal. No mesmo sentido, Sojourner Truth (1851) com seu discurso “E eu não sou uma mulher? ”, já chama atenção para a noção - elaborada muitos anos depois por Kimberlé Crenshaw - de interseccionalidade, apontando as diferenças latentes entre mulheres brancas e negras:

“Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor

lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, **porque você me impediria de completar a minha medida?...**” (TRUTH, 1851, grifo próprio)

A força das palavras proferidas por Sojourner ecoam até os dias atuais na luta anti-racista e feminista.

A segunda onda feminista surge na década de 1960 até cerca de 1980, sua frase principal é “o pessoal é político” (Marques e Xavier, 2018, p. 4). Nasce no contexto do movimento hippie nos Estados Unidos (EUA), em crítica à Guerra do Vietnã e conta com a presença também marcante de diversas autoras que enxergam e definem o patriarcado como francesa Simone de Beauvoir (1980) autora do famoso livro “O Segundo Sexo”; a norte-americana Angela Davis, filósofa e ativista negra que fez parte do movimento Pantera Negra na luta contra discriminação racial, social e de gênero; e brasileira Lélia Gonzalez, intelectual política que estudou gênero e etnia.

Por essa onda observa-se o surgimento de teorias que iniciam o debate a fim de representar mais mulheres no feminismo, como mulheres negras e lésbicas, por exemplo, e surge também o feminismo radical e o episódio marcante da queima de sutiãs em protesto à opressão estética do “Miss América”, com cerca de 400 ativistas.

A terceira onda questiona “o que é ser mulher?” em 1990, surge também a famosa frase “meu corpo minhas regras” e apresenta conceitos importantes para a luta feminista que continuam sendo pensados e desenvolvidos até os dias atuais, como: interseccionalidade, empoderamento, orientação sexual e a noção de irmandade (Marques e Xavier, 2018, p. 7).

Como visto anteriormente, pode-se afirmar que a primeira mulher a pensar a interseccionalidade foi Sojourner Truth, ainda no século XIX. Na contemporaneidade, porém, uma das principais referências quando se trata do assunto é Kimberlé Crenshaw, professora de direito na UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles) e grande ativista pelos direitos civis norte-americanos, em questões de raça e gênero.

O termo interseccionalidade surgiu quando mulheres negras buscavam por emprego em fábricas e tinham os postos de trabalho negados. Na justiça, elas apontaram a discriminação como motivo para não terem sido contratadas. A fábrica alegou que a acusação era falsa, já que existiam negros (homens) trabalhando e também mulheres (brancas) como secretárias. O que não conseguiam observar era a inexistência de mulheres negras naquele ambiente de trabalho, pois os homens negros não representam todos os negros e as mulheres brancas não representam todas as mulheres (CRENSHAW, 2016). Essa é a história contada pela autora para ilustrar a urgência da interseccionalidade.

Segundo Crenshaw (2016), pensam que a interseccionalidade diz respeito a múltiplas identidades, mas não é exatamente sobre isso. A interseccionalidade é sobre como as estruturas criam certas identidades como consequências do veículo da vulnerabilidade. Portanto, é essencial observar o contexto no qual as características estão inseridas, seja ele na dimensão política, social, estrutural, micro ou macrológica.

Quando se pensa em instrumentos de políticas públicas e de suas análises, é de extrema importância levar em consideração o fenômeno da interseccionalidade que abrange uma gama enorme de indivíduos, realidades e culturas. Dessa forma, deve-se evitar a universalização (dos corpos, das populações, dos territórios, etc). Pode-se citar como características: o gênero, a raça, a classe, presença de deficiência, a orientação sexual, a identidade de gênero, dentre muitas outras que combinadas geram a interseccionalidade e, muitas vezes, maior vulnerabilidade.

Dessa forma, o feminismo interseccional se dá pelo reconhecimento e respeito às diferentes esferas que compõem uma só mulher, com a consciência de que não somos representadas por uma só, não viemos do mesmo lugar e nem temos as mesmas lutas, a universalização do gênero mulher apenas limita e exclui essas diversidades, promovendo apagamentos e invisibilizando diferentes necessidades.

Sobre o empoderamento, vale ressaltar que, em seu sentido literal, significa “dar poder”, segundo Joice Berth (2018, p. 17) é um instrumento de emancipação política e social, “é uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégia de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista”.

Na perspectiva do campo de estudos em políticas públicas, o empoderamento aparece com o objetivo de fortalecer indivíduos, grupos e comunidades, sendo incorporado como prática inicialmente por Organizações Não Governamentais - ONGS, a partir de 1970, um momento em que proliferaram as ONGs feministas. Esse crescimento é acompanhado por aquilo que Mary Hawkesworth (2006, p. 739) chama de “um fenômeno estranho”: “a declaração recorrente da morte do feminismo” e a saudação de uma “era pós-feminista”, o que pode ser interpretado como uma tentativa sutil de fazer com o que o feminismo se torne inerte no imaginário público e de apagar “o ativismo de milhões de mulheres ao redor do globo que estão atualmente lutando por justiça social” (Hawkesworth, 2006, p. 757), o que ressalta a importância do empoderamento.

Sob à luz da lógica dos estudos críticos, observando os valores posicionantes na realidade prática, Berth cita:

A abordagem de empoderamento não pode ser neutral, nem ter aversão a conflitos e a seus desdobramentos. O desdobramento dos conflitos significa que o processo de mudança, uma vez deslançado, permeia e se infiltra em outras dimensões vividas pelas pessoas e grupos sociais. **O empoderamento implica contágio, não assepsia. É fermento social: está mais para inovação criativa que para evolução controlada.** (BERTH, 2018, p.56, grifo próprio)

Nesse sentido, os instrumentos de políticas públicas que visam o empoderamento, de maneira proposital ou não, são importantes agentes de transformação, ao criar o ambiente propício de mudança, mas deve-se sempre ter em mente que esse é um processo individual e interno, que ocorre com o tempo e ritmo particular de cada uma. É de relevância o alcance que o instrumento tem ao perpetuar a autossuficiência, assim como a extensão compartilhada nos grupos de indivíduo para indivíduo através do compartilhamento da jornada de autoconhecimento e empoderamento.

No âmbito dos estudos críticos em políticas públicas, autoras como Mary Hawkesworth vêm chamando atenção, pelo menos desde a década de 1990, para a importância da perspectiva de gênero nas políticas públicas e para o fato de que o desenvolvimento de uma “consciência de gênero - senso de identidade comum e de interesses compartilhados - é uma pré-condição necessária para a criação de políticas feministas” (Hawkesworth, 1994, p. 103, trad. própria).

A partir da quarta onda do feminismo - bastante interessado em corrigir a invisibilidade feminina do passado e de repudiar as distorções e mistificações por trás do movimento (Hawkesworth, 1994), ele se pluraliza, dando vazão para o surgimento de diversos feminismos, que se colocaram a pensar suas especificidades: feminismo liberal, radical, socialista, marxista, pós-modernista, lésbico, decolonial, negro,

anarquista, ecofeminismo, o transfeminismo, as femocratas e assim por diante. A frase marcante dessa onda que ganha força nos anos 2010 é “nenhuma a menos”, em resposta às mulheres que foram levadas pelo feminicídio e por aquelas que morreram ao realizar procedimentos ilegais de aborto. A quarta onda é marcada, também, por uma maior diversificação temática e por discussões sobre estupro, assédio, aborto, silenciamento, equidade ao invés de igualdade e sororidade, que é o apoio mútuo entre mulheres. Foi muito impulsionada pelas redes sociais e pelos meios de comunicação virtuais. É importante destacar que apesar das datas, não existe uma fronteira entre as ondas, todas as suas colocações continuam a ser repensadas atualmente, como fonte de força e coragem.

A Roda das Minas se situa nesse fluxo de movimentos sociais de articulação popular entre mulheres e pessoas que querem repensar os papéis de gênero na sociedade e constitui mais um exemplo do que Martins (2018, p. 18) chamou de “corporificação da política feminista”. Deve-se levar em consideração que não basta a presença feminina nas políticas públicas para cumprir uma cota social de representatividade, há que se remover o “viés androcêntrico” das políticas públicas e remodelar os paradigmas dominantes (Hawkesworth, 1994). Para isso, deve-se haver uma presença feminista de mulheres que pensem políticas públicas entendendo à pluralidade do que significa “ser mulher” e o que isso envolve. Assim como o apoio às mulheres nos cargos de chefia, não apenas brancas, mas também negras, indígenas, LBT’s, para ocupar seu lugar de fala na criação e manutenção de políticas públicas, pode-se construir experiências mais plurais, como preconizado pelo fluxo multiatorial da Mirada ao Revés.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Avaliação e a Escolha Axiológica

A pesquisa realizada pode ser classificada como qualitativa, pois busca captar e compreender os significados de mudança das mulheres a partir do contato com as rodas de conversa da coletiva Roda das Minas. A intenção de realizar uma avaliação surgiu por uma intuição de compreender e registrar o que as participantes sentem e pensam das ações promovidas pela coletiva, semanalmente, possibilitando o compartilhamento de vivências e saberes de mulheres diversas, assim como possibilitar o registro dessa avaliação para reconhecimento da coletiva como uma “atriz” transformadora de espaços e vidas no meio universitário e virtual.

Dentre as diferentes macro-escolas avaliativas existentes, a visão pragmatista trazida pela escola axiológica é a que mais se encaixa para responder à pergunta de pesquisa proposta. Parte da premissa de que, por se tratarem de relações humanas regadas de afeto e política - pois essa permeia todos os espaços -, estão carregadas de valores/escolhas/opiniões que transformam as histórias pessoais a partir do diálogo trocado. Busca-se compreender em que medida os valores identitários quando assumidos são capazes de modificar as sujeitas em suas ações, como uma teia de suporte através do empoderamento, pois realiza-se individualmente em espaços coletivos. No contexto da classificação temporal da avaliação, esta se dá de forma *in-itineri*, ou seja, no decorrer do processo de implementação e desenvolvimento da política pública. Assim, a pesquisa produzirá conhecimento avaliativo a partir do caso da Roda das Minas.

3.2 Categorias Avaliativas

Vamos trabalhar com dois quadros (*frames*) de categorias avaliativas: o primeiro nível (micro, das ações da ‘coletiva’ para dentro) terá como categoria avaliativa o empoderamento (interseccionalidade), a identidade (valores) e a participação individual na experiência pública, inseridas no fluxo sociocêntrico. O segundo nível (meso, das relações da ‘coletiva’ para fora) será construído a partir do campo e das inter-relações no âmbito da coletiva, buscando nos materiais de pesquisa

os valores, as estruturas narrativas, os argumentos e as falas. Desta forma, a estratégia é identificar as categorias avaliativas que permeiam os materiais de pesquisa e como o fazem.

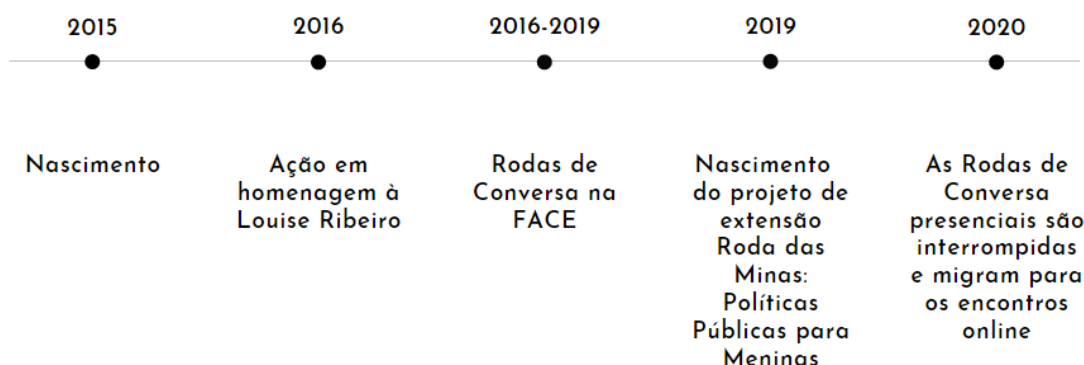
A análise de dados será interpretativa e argumentativa e os materiais de pesquisa, construídos ao longo do percurso avaliativo, incluem, principalmente, as narrativas produzidas a partir de entrevistas, as dinâmicas e vivências em roda, imagens audiovisuais e pesquisa teórico-documental sobre os temas mais marcantes, com o intuito de aprofundar o entendimento dos significados apresentados pelas participantes.

3.3 Roda das Minas

A Roda das Minas³ é uma coletiva feminista criada no curso de Gestão de Políticas Públicas (GPP) na Universidade de Brasília (UnB) em 2015, por estudantes que sentiram necessidade de ter um espaço seguro e acolhedor, para poderem dialogar sobre suas vivências enquanto mulheres no ambiente universitário. Posteriormente, os assuntos se expandiram para além deste espaço. O curso de GPP está situado na Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas (FACE), um espaço predominantemente masculino, cisgênero, heteronormativo e branco. Nesse sentido, a urgência de dialogar com outras mulheres sobre o machismo e a sociedade patriarcal dentro desse espaço foi um fator determinante para o surgimento da atividade, que se iniciou de maneira orgânica. Até 2020, suas rodas presenciais, interrompidas pela pandemia do COVID-19, contavam com a participação de cerca de quinze a vinte mulheres e aconteciam regularmente, todas as quintas-feiras, reunindo mulheres plurais: de diferentes cursos, profissões, faixas etárias, cores, orientações sexuais, vivências, etc.

³ Para saber mais, visite: <https://www.rodadasminas.com.br/>

Figura 1 - Linha do Tempo da Roda das Minas



Fonte: elaboração própria (2021)

Após um período de atuação com rodas de conversa na universidade, a Roda das Minas foi convidada pelo Serviço Federal de Processamento de Dados - SERPRO para participar de um evento chamado TIC TAC⁴, voltado para as meninas do ensino médio com incentivo à inclusão delas na Tecnologia da Informação -TI. Por este movimento, surgiu a iniciativa de prover, através da extensão universitária, conversas com as meninas nas escolas. Assim nasceu o projeto de extensão “Roda das Minas: Políticas Públicas para as Meninas”, levando debates feministas nas escolas públicas do DF. O foco desta avaliação, porém, recairá apenas sobre as rodas realizadas dentro da FACE, com estudantes universitárias, não será aprofundada a atividade de extensão.

Em março de 2017, quando a estudante de biologia Louise Ribeiro (20 anos) foi brutalmente assassinada dentro do laboratório de biologia da UnB pelo seu ex-namorado, as meninas da Roda confeccionaram diversos cartazes afixados na FACE em memória a ela, e com dizeres como “Louise Presente”. No dia seguinte, porém, todos os cartazes haviam sido removidos, explicitando o autoritarismo e o machismo presente dentro da FACE e mostrando a negligência dos administradores do prédio acerca de questões tão sensíveis e urgentes, como prestar homenagem a uma de

⁴ Disponível em: <https://www.serpro.gov.br/menu/noticias/noticias-2018/tic-tac-weekend-camp-incentiva-a-inclusao-da-mulher-no-setor-da-tecnologia/>

nós, vítima de feminicídio no mesmo local de estudo, afinal de contas, poderia ter acontecido com qualquer uma.

Com a intenção de dialogar mais diretamente com estas questões - como a masculinidade tóxica - a coletiva passou a promover algumas rodas de conversa abertas para homens, chamadas “Papo com Eles”. O objetivo dessas conversas é ampliar o diálogo com o “lado dominante”, que assim como as mulheres, também sofre pressão social desde a infância para seguirem um padrão imposto de masculinidade. Essas rodas têm repercutido de forma positiva, tanto para eles, quanto para elas. Porém, como essa participação masculina é recente e pontual, também não será objeto desta avaliação.

Os dados analisados e apresentados a seguir foram produzidos de 2015 a 2019 e compilados em 2019. Atualmente, porém, a organização interna da coletiva é outra, assim como suas ações também se alteraram. Para fins analíticos, a Roda das Minas pode ser estruturada em pelo menos seis pilares: político, pedagógico, energético, comunicação, profissional e extensão.

- 1) O **pilar político** sustenta a coletiva no sentido do feminismo interseccional, plural e diverso, aquele que inclui e respeita as singularidades de cada realidade, composta por múltiplos fatores - ex: mulher, cisgênero, branca, bissexual, jovem, classe média, estudante e estagiária. Se concentra também no posicionamento da coletiva em relação ao cenário político do Brasil.
- 2) O **pilar pedagógico** é reforçado na metodologia de condução de cada uma das rodas de conversa, iniciando sempre com a auto apresentação de cada praticante da roda, da seguinte forma: “Eu sou X, tenho X anos, minha orientação sexual é X, estudante do curso X, já frequento a Roda/é a primeira vez que venho na Roda, descobri a Roda através de X, meu signo é X”. Em seguida, é introduzido o tema da Roda e a logística do movimento, com ênfase na importância da escuta ativa. Dependendo do tema, existem convidadas que dissertam sobre o assunto, sempre abertas a comentários (importante frisar que nenhuma fala é interrompida ou desconsiderada, todas têm o mesmo grau de importância); e por fim, ocorre o fechamento.

Com o decorrer das rodas, observou-se a necessidade de realizar fechamentos artísticos/estéticos, em forma de poemas, canções, reflexões, meditações, dinâmicas, infinitas possibilidades, pois, muitas vezes e a depender do tema, as mulheres saíam se sentindo mal, tristes em relembrar, reviver, partilhar e ouvir casos de dor e dificuldade de outras e de si mesmas.

- 3) Diante disso, surgiu a necessidade de fortalecimento de um terceiro pilar - o **pilar energético**, simbolizado pela árvore de ametista e a pela confecção de um altar que se localiza no centro da roda. Cristal que transmuta, ressignifica, as ametistas da árvore trabalham muito e todas as semanas são limpas pelas organizadoras, em banho de chuva, terra, energia Reiki, sol, etc... além de que a árvore remete à ancestralidade e conexão entre essa grande teia de mulheres que a Roda das Minas integra, como simbolizado pela própria marca da coletiva. Estes são alguns dos símbolos contidos nas rodas de conversa, com o objetivo de proporcionar um ambiente acolhedor, além da árvore de ametista e os elementos centrais, existem as cangas colocadas no chão para as mulheres sentarem com mais conforto, os chás e bolo, pensados no horário, geralmente 18h é um trânsito entre estágio e aula para muitas estudantes do noturno, assim elas podem comparecer à roda de conversa sem se preocupar com o tempo de alimentação. Estar em círculo é outro símbolo relevante, pois assim ficam todas no mesmo nível, podendo se olhar e se ouvir mutuamente.
- 4) O **pilar da comunicação** é um pilar importantíssimo para o crescimento dessa grande teia, a criação de um perfil na rede social *Instagram* alavancou o número de participantes e pessoas que conhecem e acompanham as rodas. Com mais de quatro mil seguidoras e seguidores, toda semana ele é alimentado de novos posts, sobre as rodas que passaram e informativos acerca do universo feminista. A distribuição de cartazes pela UnB, convidando para as rodas também teve grande influência no crescimento. Além de tudo, outro motivo relevante foi o boca-a-boca das mulheres, a divulgação por transmissão oral das que já participaram para as que, segundo elas, deveriam ir.

- 5) O **pilar de gestão** se estrutura dentro da gestão da roda: de forma horizontal as organizadoras pretendem manter a coletiva dentro do curso de Gestão de Políticas Públicas (GPP), as ações são sempre abertas, porém seguem os valores da gestão social. Já foram realizadas rodas sobre representatividade feminina no setor público, na qual as mães das integrantes, todas servidoras públicas explanaram sobre o assunto junto com a ex-chefe de departamento e atual coordenadora do projeto de extensão, Prof.^a Dr.^a Magda de Lima Lúcio em parceria com a então diretora da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária (FAV), Simone Perecmanis.
- 6) O **pilar da extensão** é também um pilar importante, visto que a roda atua em escolas públicas do DF como projeto de extensão desde o início de 2019, conversando com as meninas sobre assuntos como empoderamento, autoestima, saúde mental, etc... as temáticas nunca se esgotam nesse amplo universo.

3.4 Instrumentos de Pesquisa Avaliativa

- a. Revisão bibliográfica pautada em três categorias analíticas: estudos críticos em políticas públicas, avaliação (axiológica) e feminismos no campo das políticas públicas.
- b. Entrevistas em profundidade já realizadas na fase de pesquisa exploratória, em 2019, semiestruturadas, com perguntas planejadas, mas também com espaço para novos questionamentos ao decorrer da entrevista, registradas em material audiovisual para análise e produção documental.
- c. Observação participante/Caderno de campo, a partir da minha vivência com a Roda das Minas, visto que participei por dois anos da coordenação da coletiva e das rodas de conversa, inclusive nos anos seguintes e atualmente como extensionista no projeto de extensão. Assim, será uma avaliação interna com valores assumidos a partir da vivência intensa com esta ação pública.

3.5 Participantes da Pesquisa

Foram selecionadas seis mulheres universitárias para responderem à entrevista em profundidade, o critério utilizado foi que elas participassem frequentemente das rodas de conversa, não apenas comparecendo, mas compartilhando sobre seus processos pessoais. O intuito foi convidar mulheres diferentes umas das outras, isso significa mulheres negras, brancas, gordas, lésbicas, heterossexuais, estudantes de GPP, de outros cursos da FACE, de outros cursos da UnB e até que não estudam na UnB.

As entrevistas foram gravadas em formato de vídeo, por diferentes espaços na UnB, em abril de 2019. A média de duração foi entre 7 e 15 minutos. Os áudios foram transcritos, mas, para respeitar algumas informações e privacidade das entrevistadas, não foram disponibilizados nesta monografia e sim utilizados para análise dos argumentos. Além deste texto, a pesquisa teve como produto um vídeo mini documentário, com alguns trechos das entrevistas, disponível para visualização em: <https://youtu.be/Cw7IGi2bUF>.

4 AVALIAÇÃO DOS VALORES: a teia valorativa da Roda das Minas

Figura 2 - Marca da Roda das Minas



Fonte: arquivo da Roda das Minas. Criada por Beatriz Menezes Lima

Inicialmente, irei analisar a marca da coletiva Roda das Minas, para assim, podermos entender alguns valores idealizados pelas organizadoras e posteriormente avaliarmos se condiz com o que as entrevistadas apresentaram. A partir da observação da arte criada para representar a coletiva, podemos interpretar alguns conceitos importantes.:

- Cor lilás: esta é a principal cor que representa o movimento feminista;
- Mandala: em sânscrito significa círculo, é considerada um símbolo de cura, onde o centro representa o *self*, nossa essência, e emerge com formas espelhadas⁵. Neste caso, podemos observar que os elementos presentes no desenho não são exatamente iguais.

⁵ Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/mandala/>

- Mulheres únicas: como dito anteriormente, as mulheres representadas na mandala são diferentes entre si, cada uma com um tipo de cabelo, por exemplo, assim o pilar do feminismo interseccional se afirma.
- Seios únicos: entre as mulheres, observamos representações de seios, mais um símbolo ligado às mulheres. Importante ressaltar que nem toda mulher possui seios, como o caso de algumas mulheres trans e também, como retratado no desenho com a cicatriz, aquelas que por algum motivo precisaram retirar o seio, como no caso das que passaram pela luta contra o câncer de mama.
- Símbolo do Feminino: muito presente nas lutas dos movimentos feministas com diversas alterações, este símbolo representa fortemente um grupo de mulheres.
- Fases da Lua: dentro do símbolo do feminino aparecem as luas não espelhadas, pois cada uma representa uma fase, são elas Minguante, Nova, Crescente e Cheia. Em diversos contos e caminhos, a Lua é ligada com as mulheres em sua regência.
- Crescimento conjunto: observa-se que, do centro para as extremidades, as mulheres crescem juntas, coletivamente, como se estivessem florescendo da mesma fonte, como diz a famosa frase de resistência “Tentaram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes”.

Para relacionar a dimensão axiológica da marca da coletiva com as entrevistas realizadas com as seis praticantes da Roda e para articulá-las entre si, apresentarei a seguir uma tabela criada para organizar os argumentos contidos nas respostas, sistematizá-los e interpretá-los. Dessa forma, a extração dos valores implícitos nos discursos se torna mais simples e alcançável, visto que as perguntas com que trabalhei são de natureza essencialmente qualitativas:

Tabela 1 - Matriz de Argumentos (Parte I)

	Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3	Entrevistada 4	Entrevistada 5	Entrevistada 6	Síntese
1. Como foi sua aproximação com a roda?	Convite Sempre que pode vai	Convite Sempre que pode vai	Cartaz Sempre que pode vai	Semana da Caloura Sempre que pode vai	Semana da Caloura A aproximação começou lentamente, agora sempre que pode vai	Cartaz Sempre que pode vai	A chamada para conhecer as rodas foi equilibrada dentre as opções Apenas uma teve uma aproximação lenta, mas todas vão sempre que podem
2. O que é a roda para você?	Espaço de fala sem julgamentos, aprendizagem	Espaço de encontro por um mesmo ideal	Espaço de discutir a partir da perspectiva feminina	União maravilhosa de mulheres se ajudando; rede de apoio terapia	Espaço mágico; anestesia de quinta-feira	Forma de empoderamento, de aprendizado e troca de informação	Espaço de aprendizagem e troca sobre os feminismos, sendo seguro e confortável

Fonte: elaboração própria

Na primeira pergunta, pode-se observar que a forma como as mulheres têm o contato inicial com os encontros da coletiva se deu de maneira bem equilibrada; duas entrevistadas foram convidadas por uma amiga, duas conheceram a Roda através da Semana da Caloura de GPP (um evento organizado pelo Centro Acadêmico de Gestão de Políticas Públicas - CAPOP para recepcionar as calouras e calouros do curso no início de cada semestre) e duas conheceram a coletiva através dos cartazes afixados pela Universidade de Brasília, sendo que uma viu o cartaz afixado no Instituto de Central de Ciências - ICC Norte e a outra viu o cartaz na Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas - FACE.

A identificação das mulheres com a roda, como as entrevistas revelam, costuma acontecer de forma bastante natural e quase imediata. Desde a primeira roda, quase todas passaram a incluir as conversas em suas atividades de quinta-feira e passaram a frequentar a Roda sempre que possível. São comuns os relatos de um contato intenso e apaixonante com as rodas de conversa e apenas uma entrevistada relatou que sua aproximação foi mais gradual. Segundo ela, a relutância se deu pelo seguinte motivo: “Eu acho que é porque é uma coisa nova, uma roda de meninas que eu não conheço, sabe? Eu olhava e pensava: será que vou me sentir bem? Será que vai ser importante para mim? Só que aí eu decidi ir”. Então, após um período de adaptação e aproximação, a entrevistada se sentiu mais confortável e “igual” às outras, passando a frequentar sempre que possível. Observa-se aqui como a Roda das Minas possibilita a construção de laços de confiança e conquista as mulheres que a frequentam. Outros motivos serão melhores entendidos ao longo desta avaliação.

Ao serem questionadas sobre os sentidos/significados das rodas (segunda pergunta), as respostas foram bastante homogêneas. É curioso como duas entrevistadas seguiram caminhos similares: “terapia” e “espaço mágico, anestesia de quinta-feira⁶”, relatando a integridade do pilar energético da Coletiva. Ao todo, a Roda das Minas pode ser vista como um espaço de aprendizagem e troca de vivências a partir da interpretação feminista, onde se expressam livres de julgamentos para unidas se empoderarem. Destaca-se, também, a importante menção de uma das

⁶ As rodas de conversa costumavam ser às quintas-feiras.

entrevistadas à Roda como um espaço seguro, uma vez que este valor - o da segurança - é bastante estimado, sobretudo entre as mulheres.

Tabela 2 - Matriz de Argumentos (Parte II)

	Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3	Entrevistada 4	Entrevistada 5	Entrevistada 6	Síntese
3. Como você se vê dentro dela?	Escuta ativa falo pouco mas absorvo muito	Sinto que posso conversar, mas prefiro escutar para absorver o máximo e me tornar uma pessoa melhor	Escuta ativa ainda não encontrei minha voz	Sou uma pessoa muito ajudada lá dentro, sinto que recebo mais do que doo	Tento equilibrar entre falar e escutar, mas nao sinto uma pressão de ter que falar, isso é bom porque me sinto confortável, é natural	Como uma pessoa mais aberta e com mais conhecimento	A maioria escuta ativamente, algumas ainda sentem dificuldade para se expressar e todas estão abertas para absorver conhecimentos
4. Como você acha que o grupo se vê?	Mulheres poderosas capazes de transformar quem está ali	Como apoio, como amigas, todo mundo se respeita	Como um espaço que faz a gente acreditar que dá pra construir coletivamente	Como parceiras, com quem se pode contar, como uma união	Se veem como alguém que é parecido com você, que vive coisas parecidas com você	Espaço de acolhimento, centro de apoio que podemos dividir	Como um espaço de identidade e acolhimento, companheiras de luta que se identificam e respeitam suas diferenças

Fonte: elaboração própria

Questionadas sobre seu “papel” ou seu “lugar” na Roda (terceira pergunta), as entrevistadas n°1 e n°2 citaram como as mulheres que frequentam as rodas são poderosas, mas sem necessariamente se incluir nessa observação. Isso indica, em alguma medida, que, no processo de empoderamento é mais fácil primeiro enxergar o poder fora, para depois, através da reflexão e do autoconhecimento, perceber o empoderamento florescer de dentro de nós, encantando outras mulheres ao longo da jornada, em um movimento contínuo e cíclico. A maioria das mulheres sentem que recebem mais do que doam, que escutam mais do que falam nas rodas, porém isso está estreitamente ligado ao processo de empoderamento antes mencionado, pois assim como elas relataram que frases que escutam lá dentro as faz refletir e mudar por semanas a fora, elas também são autoras dessas frases e atitudes de muita coragem quando partilham nas rodas e marcam outras mulheres ali presentes. A quinta entrevistada relatou que não sente uma pressão de ter que falar dentro das rodas de conversa, o que é uma observação é muito importante, porque exemplifica que as rodas são um espaço acolhedor e não exigem que você participe com sua voz, podendo apenas escutar ativamente e aprender, para quando se sentir à vontade, poder falar.

A quarta pergunta “Como você acha que o grupo se vê?” recebeu uma resposta especialmente marcante: “como mulheres fortes e também fracas, e por isso se reúnem”. Esta frase parece capaz de englobar e sintetizar todas as outras respostas das entrevistas. Segundo elas, o grupo que frequenta as rodas de conversa (neste grupo não existem limites, ou seja, ele não é fechado e está em uma dinâmica de constante mudança) se vê como um grupo de apoio mútuo, são parceiras potentes e unidas, capazes de ajudar umas às outras, de maneira que, quando se encontram, constroem equilíbrios entre desabafar e aconselhar, pois identificam suas similaridades e diferenças, seus limites e suas potencialidades.

Tabela 3 - Matriz de Argumentos (Parte III)

	Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3	Entrevistada 4	Entrevistada 5	Entrevistada 6	Síntese
5. O que te faz continuar indo nas rodas de conversa?	Me sinto muito bem e sempre tem um assunto diferente lá	Saber que tenho mais a aprender, me conectar mais como mulher	Pelas meninas, e os temas, que são presentes na nossa vida	Me sinto muito bem, saio revigorada pelos temas	Me sinto bem, poder ver, discutir, refletir, sentir sobre realidades	Conheci pessoas que admiro, me motiva a aprender mais	A maioria vai porque se sentem bem e porque aprende com temas variados e pertinentes
6. Quais experiências você teve que te fizeram continuar frequentando?	Me aproximei de pessoas incríveis, cresço como pessoa, o engajamento político, um conjunto de tudo	Me senti acolhida, e pelos assuntos, para refletir	Pela qualidade dos temas e pela forma que eles são abordados	A meditação guiada, pelos temas	Algumas informações que despertam <i>insights</i> , tenho que continuar para aprender mais	Trazer para debate coisas que eu já falo ou não falo muito, para repensar/ recriar se desconstruir, aprimorar o discurso	As informações, as profundas reflexões que provocam mudanças na vida pessoal e social; o espaço propício à auto elaboração do que é "ser mulher"

Fonte: elaboração própria

Um dos principais desafios das experiências sociocêntricas, aí incluídas as experiências feministas e de mulheres, é a garantia de sua perenidade - sua continuidade no tempo -, para que venham a se tornar “experiências públicas” (Peres, 2020). Nesse sentido, as praticantes foram questionadas sobre os motivos que as fazem retornar à Roda e as respostas para esta quinta pergunta apontam para o mesmo caminho: a maioria das entrevistadas continua frequentando as rodas porque se sentem bem e sentem que ainda tem muito a aprender com os diversos temas que são abordados, uma delas mencionou a afinidade com outras meninas e as possibilidades de grandes amizades podem ser feitas neste espaço. Por um lado, as respostas chamam atenção para a dimensão da aprendizagem e, por outro lado, enfatiza a importância conferida aos laços de afeto dentro do ambiente universitário.

Ao serem perguntadas sobre as experiências mais relevantes que vivenciaram nas rodas de conversa (sexta pergunta), observou-se que as experiências que marcaram as minas giram em torno do acesso a informações, do quanto elas aprendem nas rodas com os conteúdos ensinados, a partir da didática e da qualidade. Uma das entrevistadas disse: “(...) sempre acho que traz umas pessoas muito gabaritadas, e acho bom você ver uma mulher que tem domínio do assunto, acho que isso sempre é revigorante independente do tema”. As dinâmicas das rodas se adaptam ao conteúdo abordado no dia, seja pela exposição oral, convidando alguma profissional, proporcionando meditações, etc. A recepção desse esforço é percebida positivamente pelas entrevistadas, que se sentem instigadas ao conhecimento, motivadas a aprender, assim elas refletem e se engajam politicamente.

Além disso, essa resposta reforça a importância da representatividade: mulheres se inspiram e se empoderam a partir da relação com outras mulheres que já conseguiram, de alguma forma, superar limites e alcançar posições de destaque ou poder. Como disse Hawkesworth (1994), não se trata apenas do cumprimento de uma cota social de representatividade, mas da (re)construção dos espaços de poder, a partir de uma perspectiva de gênero (não androcêntrica). Em Roda e em diálogo com outras visões de mundo, as mulheres se sentem mais aptas a refletir e a elaborar (na

teoria e na prática) sobre sua condição de mulher, sobre o que é ser mulher (Truth, 1851; Beauvoir, 1980)

Tabela 4 - Matriz de Argumentos (Parte IV)

	Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3	Entrevistada 4	Entrevistada 5	Entrevistada 6	Síntese
7. Você acha que as outras continuam indo pelo mesmo motivo?	Acho que cada uma tem uma experiência diferente porque somos diferentes mas acho que sim	Acho que sim, meninas que não tem muito apoio da família e veem aqui um espaço de apoio e troca	Acho que sim, pela solidariedade	Sim, por sentir a união maravilhosa entre nós, ajudar e ser ajudada	Eu acho que mais pela necessidade de desabafar	Não sei, somos muito diferentes, acho que por ser um centro de apoio sim	Todas responderam com cautela, a partir do feminismo interseccional, reconhecendo as diferenças, a resposta geral foi que sim por sentirem o apoio umas das outras. Ressalta-se o valor da solidariedade
8. Quais foram os temas mais marcantes para você?	Sexualidade, Ginecologia Política, Feminismo e Culpa	Menstruação, História da Comunidade LGBTQ, Papo com Eles	Aborto e Sexualidade	Saúde Mental, Sexualidade, Feminismo e Culpa	Ginecologia Política e Papo com Eles	Feminismo e Culpa, Sexualidade, História da Comunidade LGBTQ, Aborto e Papo com Eles	Respostas variadas, na ordem de frequências: Sexualidade, Feminismo e Culpa, Papo com Eles, Ginecologia, Política, Aborto, História da Comunidade LGBTQ

Fonte: elaboração própria

Questionadas sobre a existência de um motivo “comum” que as leva de volta à Roda, chama atenção o valor da solidariedade, presente explicitamente em uma das respostas e implicitamente nas demais. As respostas à sétima pergunta evidenciaram, também, um dos valores do feminismo interseccional, que é o reconhecimento de que somos diferentes e que o respeito às diversas vivências é essencial. Todas falaram com uma cautela inicial, o que demonstra que estavam refletindo, pois ainda que possa existir um “sentido comum”, cada uma pode ter uma percepção singular sobre o movimento. A resposta geral foi em torno do apoio e da união que este espaço em círculo proporciona, em que todas podem se enxergar e se escutar.

A oitava questão era sobre os temas mais marcantes debatidos nas rodas, além do primeiro encontro, os temas mais mencionados foram Sexualidade, Ginecologia Política, Feminismo e Culpa e Papo com Eles. Tanto a roda de “Sexualidade” quanto a de “Feminismo e Culpa” contaram com a presença de terapeutas holísticas. Na primeira foram duas terapeutas de tântra e na segunda houve uma meditação guiada, ao final, sendo que ambas atividades tiveram uma reação muito positiva das participantes. A roda de Ginecologia Política contou com uma convidada que explicou sobre percepção de fertilidade, cuidados com a vulva, dentre tantas outras informações partilhadas que deveríamos aprender desde cedo, pois é um conhecimento libertário capaz de nos trazer autonomia sobre nosso ciclo, mas infelizmente muitas participantes nunca tinham tido acesso a esse conhecimento, por isso este momento foi tão marcante e revolucionário na vida pessoal de cada uma. Já o “Papo com Eles” é uma roda aberta que busca dialogar sobre as opressões do patriarcado e sobre seus efeitos também na vida dos homens, conversando por exemplo sobre masculinidade tóxica.

Tabela 5 - Matriz de Argumentos (Parte V)

	Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3	Entrevistada 4	Entrevistada 5	Entrevistada 6	Síntese
9. A roda alterou seu olhar consigo mesma?	Sim, mudou muito	Sim, muito! Do básico ao auge	Ah... sim, me sinto mais fortalecida	Sim, em muitas coisas	Com certeza, e continuo mudando	Sim, construo a melhor versão de mim mesma	Todas disseram que alterou muito o olhar consigo mesma
10. E com outras/ outros/ família/ companheiro(a)/ universidade?	Mudou no meu relacionamento e dentro de casa, me aproximei da minha mãe. Com a UnB não.	Mudou a forma de olhar outras mulheres, olho com mais amor	Admiração maior por outras mulheres, olho com mais paciência, mais amor	Mudou a relação com a mãe e avó. Ajudou a escolher melhor os relacionamentos. Um espaço dentro da UnB à parte da academia	Me dá mais vontade de vir pra UnB, sinto mais identificação com o lugar	Mudou a relação com as mulheres da minha família, conversei mais com minha bisavó	A mudança na relação com as mulheres, principalmente da família, foi marcante. Duas mencionaram a melhora no olhar para com a UnB e mudanças nos relacionamentos amorosos.

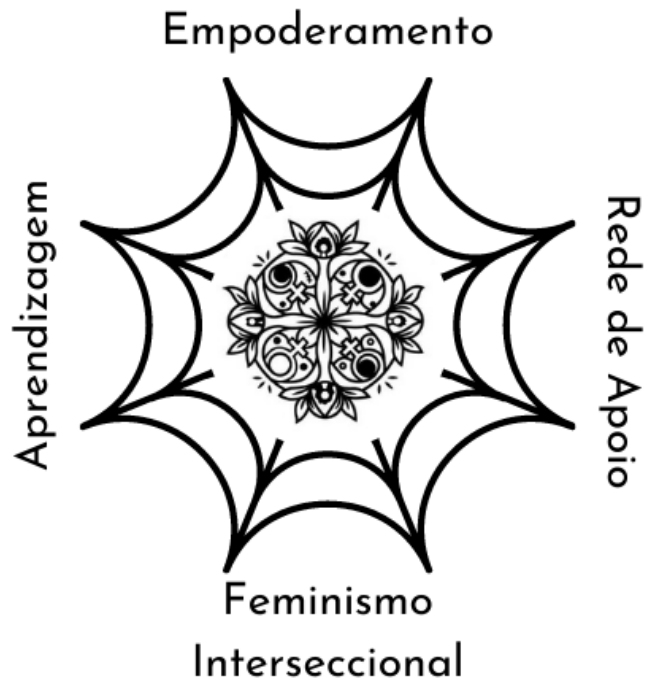
Fonte: elaboração própria

A nona e a décima perguntas constituem o coração desta pesquisa, pois questionava as praticantes acerca da mudança do “olhar”, com relação a si mesmas e com relação aos outros. Na primeira, todas as entrevistadas afirmaram que a participação nas conversas da Roda das Minas alterou a forma que elas se enxergam, as respostas estarão a seguir, na avaliação dos valores, principalmente no que diz respeito ao empoderamento.

Em relação à última pergunta, as respostas diferiram no porquê, mas todas alegaram mudanças nas relações externas: com familiares, companheiros (as), amigas e universidade. A primeira entrevistada alegou uma mudança dentro de seu relacionamento amoroso, enfatizando que seu companheiro frequenta as rodas de “Papo com Eles” e segundo ela, uma mesma conversa gera reflexões de dias entre os dois. A segunda e a terceira entrevistadas relataram uma mudança na forma que elas enxergam outras mulheres, agora com mais paciência e mais amor. Curiosamente, as duas são mulheres gordas e, para uma pesquisa futura, pode-se buscar se e de que forma as respostas podem estar relacionadas a processos de auto aceitação e a experiências de rejeição fora da Roda. Sobre a relação com a universidade, duas entrevistadas, a quarta e a quinta, que são ambas do curso de Gestão de Políticas Públicas, afirmaram que seu olhar mudou. Uma delas descreve que o sentimento ao ir para a UnB nos dias de roda é diferente, ela sente mais identificação com o ambiente. A outra agradece pelo espaço de aprendizagem fora da sala de aula e do padrão acadêmico.

Um grande achado de pesquisa, relatado por três das entrevistadas, é a melhora nas relações com as mulheres da família. Mais uma vez, a pérola que a Roda das Minas nos ensina através do feminismo interseccional mostra como é transformador se atentar às diferentes realidades das mulheres próximas a você, principalmente dentro de casa, pois a mudança começa no cotidiano presente. Todas relataram esse olhar mais atento às diferentes histórias daquelas mulheres de quem carregamos o sangue, a partir desta reflexão, elas puderam dialogar e trocar com suas mães, avós e bisavós, compartilhando os aprendizados vindos das rodas de conversa

Figura 4 - Teia Valorativa



Fonte: elaboração própria

A partir da Tabela de Argumentos, onde estão sintetizadas as respostas das entrevistadas, foram avaliadas as narrativas e os argumentos que as fundamentam, observadas as convergências nas falas e as repetições na nuvem de palavras. Assim, pude chegar aos valores, o objetivo central desta avaliação axiológica. São eles: Empoderamento, Aprendizagem, Rede de Apoio e Feminismo Interseccional. A escolha da Teia para representar a interconexão entre estes valores foi essencial, pois eles não estão separados, e foi um desafio dividir os trechos das entrevistas e expressar os diversos argumentos por meio de apenas um valor. Portanto, ao invés de um quadro valorativo proponho uma teia valorativa, onde os valores influenciam diretamente uns aos outros e se encontram no centro, no coração da Roda das Minas.

4.1 Empoderamento

Figura 5 - Cartaz confeccionado em uma das rodas (2019)



Fonte: arquivo da Roda das Minas

O empoderamento é um valor marcante desta avaliação. As perguntas sobre como elas acreditam que o grupo se vê e como elas se veem depois de todas essas rodas de conversa receberam diversas respostas em torno do conceito de empoderamento. Ele foi entendido como um poder pessoal e coletivo, que surge de dentro a partir da reflexão ao observar as atrizes externas:

“Me vejo como uma mulher poderosa junto com todas aquelas mulheres poderosas”

“Eu sinto que as mulheres que estão nela são muito poderosas, por estar frequentando eu quero absorver cada experiência possível para me tornar cada vez melhor também”

Agora, em relação à mudança da forma que elas se olham, as respostas são de fato emocionantes e retratam com muita clareza como a prática constante de rodas de conversa feministas alteram não só os pensamentos e os valores morais para o engajamento político na luta, mas a maneira que elas sentem o amor próprio, o autocuidado, o autoconhecimento e a autotransformação:

“Como lido com minha imagem, me empoderou”

“Minha mãe percebeu que eu estava com uma força, todo mundo viu que comecei a me cuidar mais”

“O que significa ser mulher, foi transformador, me olho com mais carinho e respeito”

“Nossa mudou muito, eu acho que a gente se perceber como mulher e como, o que isso significa no mundo que a gente vive né? Comigo mesma foi transformador, me olho com muito mais carinho, acho que me respeito mais”

“Sensação de que tenho algo a passar e agregar, pegar mais leve comigo”

“Do básico ao auge, comecei a me olhar no espelho, me aceitar, me respeitar e me valorizar, o que eu quero, não o que querem de mim, quem eu sou. O que mais tenho procurado depois da roda é saúde mental. Mudou meu ânimo ao acordar, comecei a me cuidar mais, buscando a evolução pessoal e coletiva.”

As entrevistadas entendem muito bem a qualidade da transformação através do empoderamento, que a evolução é constante e nela é necessária a autocrítica,

muitas vezes para calar vozes internas que remetem à culpa e dar força às vozes que erguem, com respeito e atenção. O olhar no espelho vai além de amar e conhecer seu corpo, é um ato explícito de reflexividade, de mirar toda a realidade ao revés.

4.2 Feminismo Interseccional

Figura 6 - Roda de Conversa na FACE/UnB (2018)



Fonte: arquivo da Roda das Minas⁷

Outro valor marcante durante as entrevistas foi o feminismo interseccional. Em todas as rodas de conversa, existe uma grande atenção aos recortes de raça, classe, escolaridade, idade, etc. Com as entrevistas não foi diferente, todas tiveram, em algum momento, cautela com o discurso da universalidade, que fere a ampla diversidade entre as mulheres.

“Nós somos muito diferentes estamos em pontos muito diferentes”

⁷ As fotos são sempre anunciadas e consentidas pelas praticantes, verbalmente, a cada Roda.

“Encontro com a outra e o universo de sabedoria que nela habita, podendo ver e sentir sobre realidades diferentes e comuns”

O entendimento da diversidade dentro do próprio movimento feminista é necessário, altera a forma de enxergar e se relacionar com outras mulheres e nos prepara para não tomar o “lugar de fala” de outras. O respeito é o principal, em seguida a escuta ativa. Assim, cria-se um diálogo saudável e recíproco entre nós.

“...saber sobre limites, eu acho que eu aprendi mais isso, tanto meu limite quanto o limite das outras pessoas, o respeito ao máximo”

“Comecei a ter um olhar muito mais amoroso em relação às mulheres”

“Eu acho que me fez ter uma admiração maior por outras mulheres, ter mais paciência, mais amor”

O feminismo interseccional abre nossos olhos para enxergar realidades distintas, começando perto, dentro de casa, com nossas mães, irmãs e avós. Partindo para nosso local de trabalho, com nossas colegas e chefas. Seguindo para nosso local de estudo, com aquelas que trabalham para manter o espaço limpo, aquelas que nos fornecem alimentos, aquelas que nos ensinam, aquelas que nos acompanham. É uma grande revolução enxergar que só seremos libertas quando todas nós formos, os feminismos devem assegurar direitos para todas nós, pautados em nossas especificidades, pois é possível e a Roda das Minas é uma grande prova das potencialidades de políticas públicas e experiências feministas e para mulheres.

“Também me ajudou muito a enxergar a relação que eu tenho com a minha mãe, com a minha avó de um jeito diferente, porque elas vieram de outro lugar, tem outra história e eu brigava muito com a minha mãe, porque a gente não se entendia muito bem e a roda me ajudou a ver que a gente tem histórias diferentes, caminhos diferentes e por isso eu tenho que respeitar né, me ajudou muito nesse sentido.”

"Acho que me aproximei mais da minha mãe por causa disso. Mudou as coisas eu acho sabe? A gente conversa muito. "

"Eu moro com a minha bisavó e gosto muito de escutar as coisas que ela fala e que ela, ..., quando comecei a aprender mais sobre a lua na nossa menstruação, comecei a compartilhar com ela"

A Roda das Minas é uma potência transformadora através da política com afeto das relações familiares, ou seja, à luz do feminismo interseccional a cura da linhagem feminina das famílias se expande. Ao se fazer as pazes com suas ancestrais, é possível viver plenamente um feminismo coerente e íntegro.

"É um espaço, não quero dizer mágico, mas tem a minha vida, aí tem a roda sabe? Igual uma subida da vida, é legal, é minha anestesia de quinta-feira"

"Mulheres fortes e também fracas, por isso se reúnem"

A última frase aponta as vulnerabilidades e, como explicado no tópico anterior, que o empoderamento através do feminismo interseccional é um processo em constante evolução. Mulheres fortes, empoderadas. Mulheres fracas, também empoderadas e em busca de sua força. Ambas se encontram para partilharem, em equilíbrio, um espaço que é para todas.

4.3 Aprendizagem

Figura 7 - Roda aberta na Semana Universitária (2018)



Fonte: arquivo da Roda das Minas

A aprendizagem emergiu como um valor fundamental, aparecendo em diversas falas através da admiração das entrevistadas com o volume de informações que elas recebem (em referência a uma aprendizagem temática ou até teórica), mas também à aprendizagem prática, construída a cada encontro, que possibilita a autocrítica e a reflexividade. As rodas de conversa trabalham com uma didática diferente dependendo do tema a ser abordado, essa dinâmica foi muito bem recebida pelas participantes, pois, segundo elas, a forma volátil de ensino permite maior clareza na aprendizagem, seguindo as necessidades da temática do dia. Assim, a metodologia criada pela Roda das Minas para levar informação sobre os diversos temas acerca do universo das mulheres apresenta, segundo as entrevistadas, ótimos resultados.

"Eu descobri várias coisas através da roda que hoje movem muito a minha vida, coisas que eu fico pensando como essa informação chegaria a mim se não fosse pela roda?"

“Tenho muito a me conectar como mulher, a roda vai abrir mais minha absorção aos temas relacionados a esse universo, para que eu tenha mais poder de fala sobre as informações, porque têm muitos assuntos em rodas de amigos que ainda não sinto 100% a autoridade, eu sei o que eu quero defender, mas eu não tenho argumentos certos e aqui a gente consegue absorver muita informação”

“Acredito que tudo que a roda agrega de informação é importantíssimo”

“A roda para mim é um espaço que eu posso falar o que eu penso, um espaço de muito aprendizado, acho que aprendi muito o que é ser mulher, tudo que a gente vive por ser mulher, e é um local que podemos falar tudo o que a gente quiser falar sem julgamento”

“Poucas frases que são faladas a gente fica martelando a semana inteira até a próxima roda, ..., eu acho que é uma troca legal que acrescenta muito, a gente consegue levar para o dia a dia para pensar mesmo”

“Mudei e mudo cada vez mais, me sinto mais forte, mais ligada e informada, sentindo e com uma percepção maior, me sinto mais rica, minha relação com o feminino ia crescer sem a roda, pois já buscava isso na minha vida, mas a roda permitiu um crescimento mais intenso e construtivo, agrega mais do que ler um artigo, me sinto sortuda de ter esse espaço”

O aspecto da valorização das informações trazidas pela coletiva é evidente, principalmente quando as frases ditas por alguma participante, não necessariamente uma organizadora, ecoam naquelas que ouviram por semanas, esta é a reflexividade que proporciona profundas transformações. O símbolo do círculo, do estar em roda, é uma chave e permite que todas tenham poder de fala neste espaço, é uma dinâmica horizontal em que todas se enxergam, se escutam e podem se expressar se assim desejarem, no mesmo nível. A partir da reflexividade, a aprendizagem se expande para outros meios, como o acadêmico. A presença nas rodas de conversa instiga a busca pelo conhecimento, seja na literatura acadêmica, seja nas conversas, na valorização do trabalho e produção de mulheres.

"Cadê aqueles textos? Vamos procurar, a roda instiga isso, 'olha o tanto de escritora que têm'"

"Achei interessante no contexto da faculdade, quando a gente está na roda a gente fica mais confortável e também percebe melhor essas dinâmicas que a gente tem na faculdade com o sexo oposto e com a literatura, que é bastante escrita por homens"

"Ah, sempre acho que traz umas pessoas muito gabaritadas, e acho bom você ver uma mulher que tem domínio do assunto, acho que isso sempre é revigorante independente do assunto"

"Chega na quinta e me sinto mais à vontade na UnB, mexe com o nosso sentimento de vir para o lugar: se eu venho pra UnB para ter aula é um sentimento, se eu venho pra UnB para ter a roda é um sentimento melhor, mais tranquilo, de identificação com o ambiente"

O aumento da identificação com o ambiente universitário e a construção de uma consciência de gênero no ambiente acadêmico - que estimula o questionamento da hegemonia masculina na produção científica, por exemplo - são outros importantes achados desta pesquisa. A possibilidade de frequentar um espaço de aprendizagem fora da sala de aula muda a experiência de cursar um nível superior de educação, além de ampliar os horizontes para novas possibilidades de leitura e de conhecimento. A Roda transforma as mulheres, também, enquanto estudantes-pesquisadoras, com o potencial de transformar a própria Ciência, uma vez que as mulheres que frequentam a Roda se tornam mais sensíveis à ausência de autoras mulheres em seus trabalhos acadêmicos, por exemplo. Em todas as rodas com a presença de convidadas, estas possuem pleno domínio do assunto, esta é uma preocupação perceptível das organizadoras, com a legitimidade e seriedade das informações, enfatizando a (r)existência de professoras/pesquisadoras qualificadas na Universidade de Brasília. Ter acesso à diferentes autoras (e autores não brancos cisgênero) é necessário para mudar o debate e enxergar cada especialização universitária a partir de uma perspectiva feminista e interseccional. Para próximas

pesquisas, é relevante buscar como a Rodas das Minas influenciou professores do GPP a também se preocuparem, muitas vezes questionados por mulheres, a incluir mais autoras mulheres nos planos de ensino de suas disciplinas.

4.4 Rede de Apoio

Figura 8 - Roda de Conversa, na FACE/UnB (2018)



Fonte: arquivo da Roda das Minas

Ser uma rede de apoio para as mulheres que participam é um dos princípios da coletiva, sempre dito e lembrado durante as rodas de conversa. Através das entrevistas, pode-se observar esse termo sendo citado diversas vezes ou seu próprio significado.

“Sentimento de que estamos juntas e não precisamos passar por isso sozinhas”

“Acho que todo mundo se vê como um apoio, como uma amiga, se valorizam, tudo tem uma importância, todo assunto pode ser falado, é um respeito mútuo, uma troca”

“É uma união maravilhosas de mulheres se ajudando, passando informações umas para as outras e é uma rede de apoio para mim porque me ajuda muito, é como uma terapia, quando eu vou saio muito melhor, parece que minhas energias são renovadas”

“Aquele negócio das mulheres, juntas a gente se cura”

“A gente percebe que pode fazer diferença se nos esforçarmos, me senti fortalecida”

As participantes se sentem acolhidas pela Roda das Minas, ficam confortáveis para se abrir e desabafar, por saberem que não serão julgadas. O sentimento de união conversa com o apoio, é a confiança de que apesar de tratarem de temas às vezes dolorosos, sairão fortalecidas e energizadas das conversas.

Sentir que o espaço proporcionado pela coletiva é uma rede apoio para obter informações pelos óculos do feminismo interseccional e aprender, se empoderando pela política com afeto é o que torna a Roda das Minas uma experiência pública de sucesso, em que as participantes sentem vontade e conforto para continuar frequentando e para convidar novas mulheres.

A Roda das Minas está em constante dinâmica como experiência pública, possui um diálogo direto e frequente com as participantes, o que possibilita que elas estejam sempre mirando a autorreflexão, a autocrítica e a auto avaliação. A coletiva realiza por si só uma avaliação axiológica contínua, percebendo e reelaborando os valores que quer disseminar, se eles são bem entendidos para seu público e, se não, como podem abordá-los de uma maneira diferente. Assim, a roda se insere no contexto das políticas públicas como uma experiência sociocêntrica a nível meso, porque articula a escala do corpo, a microescala, a macroestruturas, como a universidade, a política estatal e a própria estrutura patriarcal. A Roda não nasce como experiência pública, mas se torna ‘experiência pública’ na medida em que diferentes mulheres se engajam em torno de problemas publicamente relevantes, para refletir sobre eles e para buscar soluções alternativas.

Nesse sentido, a Roda supre as demandas das estudantes por um espaço de troca e aprendizagem feminista, além de transitar entre os espaços de ensino, pesquisa e extensão da universidade.

Em razão da pandemia do coronavírus as rodas foram interrompidas, minha avaliação e sugestão é que, na medida do possível, as organizadoras voltem a proporcionar este espaço, agora virtualmente, para as universitárias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia contribui para o curso de Gestão de Políticas Públicas (UnB) na medida em que coloca a reflexão direcionada para o significado de políticas públicas, ao percebermos que estamos rodeadas de experiências públicas que se inserem neste fluxo e que nossa atuação social, a partir dos conhecimentos acadêmicos, pode ser potente e transformadora. Pela primeira vez, um trabalho de conclusão de curso de GPP apresenta como produto, além do texto presente, um vídeo mini documentário com as entrevistas, em que é possível acessar outras camadas interpretativas, por meio do ambiente em que as rodas acontecem, de gestos, expressões corporais e tons de voz, para além do que a escrita se limita a expressar. Assim, o debate sobre um olhar crítico para as políticas públicas e sobre a gestão social se faz cada vez mais presente em nosso Departamento e no Campo de Públicas, a fim de incentivar outras e outros estudantes a mirarem este caminho de infinitas possibilidades, como fui inspirada por sábias professoras e professores.

Marca, também, um momento histórico, antes da pandemia, em que os encontros públicos e afetuosos eram possíveis e constantes. Nós, mulheres, nos organizávamos para trocar e aprender umas com as outras e assim nos empoderávamos em conjunto e união. Além disso, a iniciativa da Roda das Minas inspira os estudos e a luta feminista, como uma prática antiga porém única, nascida

organicamente e que continua informando e debatendo questões patriarcais transpassadas pelo racismo e classismo, agora no formato virtual/*online*.⁸

A partir da avaliação axiológica realizada nesta pesquisa, pode-se chegar em quatro valores principais que se interconectam nas ações da coletiva Roda das Minas: empoderamento, aprendizagem, rede de apoio e feminismo interseccional. As narrativas construídas pelas praticantes da Roda que fizeram parte desta pesquisa avaliativa evidenciam a qualidade do trabalho realizado pela coletiva e seu potencial de transformação na vida das praticantes da Roda. Os valores manifestados ao longo destes anos de pesquisa - e revelados pelo mini documentário - são um retorno amoroso e sincero daquelas que bebem dessa fonte.

A partir dessa perspectiva, a coletiva tem o marco de vanguardista dentro da Universidade de Brasília e do Departamento de Gestão de Políticas Públicas como uma organização feminista de grande prestígio socioinstitucional, tendo conseguido estabelecer importantes diálogos para além dos muros da Universidade, junto à Sociedade, e garantir articulações nacionais, sobretudo por meio das associações e entidades representativas do Campo de Públicas. A Roda das Minas como experiência pública se articula com a escala macro do fluxo de políticas públicas, a instituição Universidade que representa um braço importante do Estado tem um valor fundamental na continuidade das ações da coletiva com seu público/sua comunidade acadêmica. Assim, ao articular as praticantes (em sua dimensão individual e coletiva) com as macroestruturas, a Roda contribui para a construção de uma escala meso de políticas públicas (PERES, 2020). Nesse sentido, o Departamento de Gestão de Políticas Públicas desempenha um papel importante nesse processo, tendo (r)existido, desde o início, de forma marcante na FACE e tendo apoiado a criação do curso de Gestão de Políticas Públicas nesta Faculdade, além de ações da Coletiva, eu conta com o apoio e a admiração das/os docentes.

Um grande achado da pesquisa foi entender a Roda das Minas como uma experiência axiológica, ou seja, além de pública e sociocentrada, ela está em constante reflexão acerca de seus valores, para serem compartilhados com as mulheres que a acompanham. Tal avaliação vem do canal de diálogo aberto e sincero com suas praticantes, com seu público. Mesmo na visão racional-linear das políticas

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/rodadasminas/>

públicas, poderíamos colocar a Roda como formuladora, tomadora de decisões, implementadora, avaliadora e burocrata de rua - aquela que tem contato direto com o público beneficiário da política pública. Em uma visão interpretativista e crítica, a Roda constitui uma 'experiência pública'. Desta maneira, defendo que a Roda das Minas se insere no fluxo de políticas públicas como uma atriz potente (e necessária), capaz de promover importantes transformações, como contribuir com o processo formativo de mulheres, futuras profissionais de diversas áreas, com a perspectiva de gênero, tanto para suas vidas pessoais quanto para as relações sociais. Além disso, a Roda busca fazer ponte com as mulheres no serviço público, as que atuam como servidoras e gestoras e as estudantes que virão a atuar, no futuro, no Campo de Públicas no Brasil.

Para pesquisas futuras, cabe investigar com mais profundidade as mudanças que a Roda das Minas proporcionou na dimensão institucional - no Departamento do curso, um exemplo está na provável mudança dos conteúdos programáticos, das ementas e dos referenciais teóricos, incluindo mulheres e pessoas não brancas ao lado dos autores clássicos - seria este um movimento provocado pelas participantes que, em sala de aula, colocam essa necessidade para os docentes ou um cenário maior em que os feminismos crescem no Brasil?

Outro caminho interessante de pesquisa é o aprofundamento da análise desta experiência pública nesse nível meso enfatizado por essa pesquisa, em interlocução com outros órgãos estatais - dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e das esferas federal e distrital - com a finalidade de incorporá-la nos fluxos da *woman policy*, adentrando o debate em que os valores feministas podem ficar restritos a um tipo específico de política pública (para mulheres) ou devem permear todo o fluxo de políticas públicas? Onde está o lugar de representatividade feminista e democrática das formuladoras, implementadoras, avaliadoras? Está somente nas políticas para mulheres ou em outras áreas? É possível que tais pesquisas concluam que nem contemple o primeiro lugar.

Ainda com relação aos possíveis desdobramentos desta pesquisa, durante as entrevistas, duas mulheres gordas foram as únicas a relatarem a mudança que a participação nas rodas de conversa teve com o olhar para outras mulheres. Segundo elas, passaram a enxergá-las com mais amor e respeito. Pode-se problematizar de

que forma os processos de rejeição e rivalidade entre mulheres estão ligados com os corpos fora do padrão estético hegemônico.

Concluindo, a Roda das Minas é uma experiência que transborda a esfera privada e que transborda a própria Roda, é única e rica em saberes, promove trocas profundas entre as mulheres, regadas de respeito e escuta ativa. A Coletiva tem um papel fundamental na transformação do olhar das mulheres para com elas mesmas e com o mundo ao seu redor. Sua presença no Campo de Públicas é inovadora e está na vanguarda de grandes reflexões e mudanças estruturais para o que conhecemos e aceitamos ser um instrumento de política pública, problematizando o patriarcado nos mais variados espaços. Sua existência e permanência são essenciais para continuar tocando e revolucionando realidades e não deve ser romantizada, pois ela existe, também, porque existe dor, e o reconhecimento e o tratamento dessas dores e cicatrizes devem fazer parte do rol de responsabilidades não apenas da Sociedade, mas também do Estado. Ao construir esse espaço de diálogo multiatorial, reflexão de gênero e compartilhamento de experiências, a Roda contribui para conferir densidade à tão importante mesoescala das políticas públicas. Vida longa à Roda das Minas!

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**. 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt> Acesso em: 20/05/2021

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. (Coleção Feminismos Plurais).

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERTH, Joice. **O que é: empoderamento?** Belo Horizonte (MG). Letramento: Justificando, 2018 (Coleção Feminismos Plurais).

BOULLOSA, Rosana de Freitas. Políticas públicas. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 144-148.

_____. **Evaluation on public policy**. In: Manuscrito para a Enciclopédia Global. 2020. p.1-13.

_____. **Mirando ao revés as políticas públicas**: notas sobre um percurso de pesquisa. Pensamento & Realidade, São Paulo. 2013. v.28, n.3, p-68,86.

_____. **Mirando ao Revés as políticas públicas**: os desenvolvimentos de uma abordagem crítica e reflexiva para o estudo das políticas públicas. Publicações da Escola da AGU, v.11, p. 89-106, 2019.

BOULLOSA, R. F.; PERES, J. L. P. **Análise, elaboração e gestão de programas e projetos** - Salvador: UFBA, Escola de Administração; Superintendência de Educação à Distância, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. **On Intersectionality**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-DW4HLgYPIA&ab_channel=SouthbankCentre> Acesso em: 09/10/2020

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. Tradução: Waldéa Barcellos

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. Tradução: Waldéa Barcellos

FARIA, Carlos A. P. **A política da avaliação de políticas públicas**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 20, n. 59, out/2005, pp. 97-109

FISCHER, Frank. **Para além do empirismo: policy inquiry na perspectiva pós-positivista**. Revista NAU Social, v.7, n.12, maio/nov, 2016, p.163-180.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a *Marcha das vadias* no Brasil**. Revista Sociedade e Estado. vol 29, n. 2, maio/ago 2014, p. 433-447.

GOUGES, Olympe. **Declaração dos direitos da mulher da cidadã**. 1791. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>> Acesso em 04/11/2020

G1 Rio. **Morre a ex-ministra Nilcéa Freire**. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/29/morre-ex-ministra-nilceia-freire.ghtml>> Acesso em 25/11/2020

HAWKESWORTH, Mary. Policy Studies within a feminist frame. *Policy Sciences*, 27, pp. 97-118, 1994.

HAWKESWORTH, Mary. A semiótica de um enterro prematuro: o feminismo em uma era pós-feminista. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 3, set.-dez. 2006, pp. 737-763.

LASCOUMES, P., LE GALÈS, P. *Sociologia da Ação Pública*. Maceió: EDUFAL, 2012.

LASSWELL, H. D. 1951. “**The Policy orientations**”. In *The Policy Sciences*. Recent Developments in Scope and Method, edited by D. Lerner and H. D. Lasswell, 3–15. Stanford: Stanford University.

LERNER, Gerda. 2019. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. *Tabula Rasa*. Bogotá, n. 9, jul-dez. 2008, pp. 73-101.

MARQUES, Melanie Cavalcante; XAVIER, Kella Rivetria Lucena. **A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil**. Ceará: UEC, 2018.

MARTINS, Ana Paula A. **Corporificação e visões de mundo da política feminista e de mulheres na contemporaneidade: diálogos, imagens e discursos sobre marchas de mulheres (2012-2017)** [tese de doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, 2018, 276f.

_____. **O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade**. *Revista Café com Sociologia*. vol. 4, n.1, 2015, p. 231-245.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Abordagem antropológica para avaliação de políticas sociais**. *Rev. Saúde Pública* [online]. 1991, vol.25, n.3, p.233-238.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Secretaria de Políticas para Mulheres - SPM**. 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/arquivos-diversos/sobre/spm>> Acesso em 25/11/2020

OSAKABE, Paula. **Trajetórias e Travessias: Ativismo institucional e a Secretaria de Políticas para Mulheres**. Editora UnB, 2017.

PAULA, Thaís Vieira de; GALHERA, Katiúscia Moreno. “**Feminismos plurais: a América Latina e a construção de um novo feminismo**”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 2, e60065, 2019.

PERES, Janaina Lopes Pereira. **Reinterpretando o fluxo de políticas públicas a partir da experiência: do pragmatismo crítico ao Hip Hop da Ceilândia/DF** (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional – PPGDSCI, Universidade de Brasília – UnB, 2020, 251f.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263 a 274

RAPPAPORT, J. **In Praise of Paradox: a Social Policy of Empowerment Over Prevention**. American Journal of Community Psychology, Fairhaven, v.9, n.1, fev., 1981

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais)

SABATIER, P. A. Theories of the policy process. Boulder, CO: Westview Press, 1999.

SCRIVEN, M. **The logic of evaluation**: department of Psychology. Claremont: Claremont Graduate University, 2007.

TRUTH, Sojourner. **E eu não sou uma mulher?** 1851. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>> Acesso em 04/11/2020

WEISS, C.H. (1967, April). **Utilization of evaluation: Toward comparative study**. In House of Representatives committee on government operations, The use of social research in federal domestic programs, Part III. Washington, D.C.: Government Printing Office, 426-432

APÊNDICE

Perguntas de entrevistas com as participantes das rodas de conversa:

1. Como foi sua aproximação com a roda? (Foi aos poucos, total? Fácil, difícil? Qual a história?)
2. O que é a roda pra você?
3. Como você se vê dentro dela?
4. Como você acha que o grupo se vê?
5. O que te faz continuar indo nas rodas de conversa?
6. Quais experiências você teve que te fizeram continuar frequentando?
7. Você acha que as outras continuam indo pelo mesmo motivo?
8. Quais foram os temas mais marcantes para você?
9. A roda alterou seu olhar consigo mesma?
10. E com outras/ outros/ família/ companheiro (a)/ universidade?